

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

TRILHAS – UMA VOLTA AO AMBIENTE NATURAL

APA – GUARATUBA

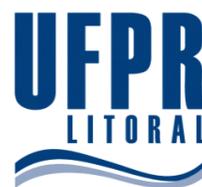
SÍLVIA DE FREITAS SCREMIN

MATINHOS

2015



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral



TRILHAS - UMA VOLTA AO AMBIENTE NATURAL

APA – GUARATUBA

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Curso de Tecnologia de Gestão em Turismo, Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral como requisito para obtenção do título de Tecnóloga em Turismo. Orientadora: Prof. Ma. Beatriz Leite Ferreira Cabral.

Matinhos

2015



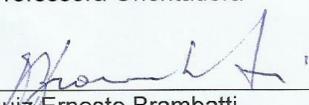
Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral

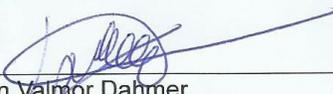


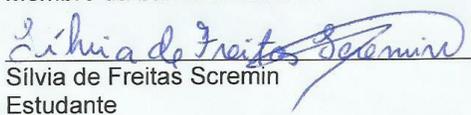
ATA DE AVALIAÇÃO DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dois dias do mês de julho, do ano de dois mil e quinze, às dezoito horas, na sala do Projeto de Extensão NEPTUR, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, reuniu-se a banca avaliadora composta por Professor Doutor Gilson Valmor Dahmer e Professor Doutor Luiz Ernesto Brambatti, sob a presidência da orientadora do trabalho, Professora Beatriz Leite Ferreira Cabral, para a avaliação do trabalho de conclusão de curso de Bacharelado em Gestão em Turismo da estudante SÍLVIA DE FREITAS SCREMIN intitulado "TRILHAS - UMA VOLTA AO AMBIENTE NATURAL: APA - GUARATUBA, como parte dos requisitos obrigatórios do curso de Tecnologia em Gestão de Turismo da Universidade Federal do Paraná. Após a apresentação do trabalho realizado pelo estudante a banca examinadora reuniu-se e decidiu pelo conceito final APL. A estudante deverá efetuar as correções solicitadas pela banca e entregar a versão final do trabalho em formato impresso e digital via CD-ROM, no prazo máximo de 30 dias a contar desta data, para assessoria da câmara do curso de Tecnologia em Gestão de Turismo.


Beatriz Leite Ferreira Cabral
Professora Orientadora


Luiz Ernesto Brambatti
Membro da banca avaliadora


Gilson Valmor Dahmer
Membro da banca avaliadora


Sílvia de Freitas Scremin
Estudante

Estudante

Aos meus pais Selma e Sílvia, pelo carinho, dedicação, compreensão, companheirismo e incentivo sempre ao meu lado, em qualquer situação.

A meu irmão, Sanderson por sua ajuda, seu carinho e apoio constante durante toda a minha jornada para a execução deste trabalho.

A toda minha família amada, estando longe ou perto, a vocês meu amor eterno.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por abençoar todos os meus dias, por conceder saúde, força e sabedoria para enfrentar mais esta jornada, rumo ao crescimento. À minha família, pela amizade e companheirismo sempre com uma palavra de apoio. Meus pais tão amados Selma e Sílvio, por sempre terem feito tudo por mim, por sempre terem acreditado e confiado que eu conseguiria me superar, novamente, e seguir em frente. Vocês sempre ficaram ao meu lado, até nos momentos mais difíceis, os quais não foram poucos, mas juntos, vencemos!

À minha orientadora Beatriz Leite Ferreira Cabral, pelo incentivo e pelo constante: “vai escrevendo que dá tempo; envia o trabalho para mim; e faz de novo”. Você foi mais que uma professora, foi uma amiga e incentivadora constante nesta jornada. À você, meu carinho e muito obrigada por tudo, caminhei segura e iluminada de mãos dadas contigo e isto, simplesmente, fez toda a diferença. Ao Professor Ricardo Gomes Ramos, que mediou meu Projeto de Aprendizagem no primeiro ano deste trabalho e hoje, apesar de estar longe, em muito ajudou para que este projeto fosse levado adiante. Sua indicação de livros, autores e artigos foram o primeiro esteio que nortearam a pesquisa deste trabalho. A Professora Daniela Duarte que também em muito contribuiu para a finalização deste trabalho, com seu olhar crítico, apurado, profissional e ao mesmo tempo doce e meigo sempre com uma palavra de incentivo, meu sincero agradecimento.

Ao Luciano, que me ensinou com grande profissionalismo sobre cultura, história, interpretação de patrimônio, a beleza nas menores observações, ajudou a treinar meu olhar, a ver com um foco mais abrangente. Contigo, aprendi a sempre continuar aprendendo. Muito obrigada por todas as aulas, nas quais me transmitiu seu conhecimento com meiguice, um sorriso sempre constante e os olhos brilhantes de incentivo, dizendo “siga em frente, menina”.

Agradeço ao Alexandre Sérgio Martins, que me ensinou a vivenciar, realmente, o que é uma trilha, por sua importância para a educação ambiental e para o turismo. Você ensinou que não é somente falar, é explicar a todos de uma maneira gentil, educada e carinhosa; não é apenas saber e transmitir conhecimento é, acima de tudo, sentir de verdade que pode fazer a diferença; transmitir por breves momentos, uma experiência que será levada além do passeio, sempre estando disposto a aprender. Isto, para mim, foi a maior lição do que é ser um verdadeiro turismólogo.

Agradeço a toda a Turma de Gestão em Turismo 2012, pelos trabalhos e conhecimentos partilhados; incentivos, risos e lágrimas; por todas nossas viagens; e por

milhares de lembranças, que sempre estarão comigo em meu coração. Com vocês aprendi que antes de medirmos a que distância estamos de nossos objetivos, devemos encarar dentro de nós mesmos a distância entre a nossa vontade e a nossa determinação em vencer. Quanto menor for esta distância maior será a possibilidade conhecermos o sucesso. Vocês são todos especiais, muito obrigada pelos três anos maravilhosos que me deram a honra de partilhar ao lado de vocês.

Enfim, agradeço a todo o corpo docente, professores de breves períodos, porém os ensinamentos transmitidos com capacidade, técnica, profissionalismo, a troca de conhecimento, experiências e emoções mesmo que breve sempre levarei comigo. Mais uma etapa se finda, muitas outras ainda virão. Tenho certeza que a trajetória é longa, porém seguirei em frente, pois o medo do desconhecido não pode ser maior que a vontade de realização dos sonhos, afinal, todo plano é bom quando a força motivadora para colocá-lo em ação é maior do que a força para colocá-lo em uma gaveta.

O mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal

Por te cruzarmos, quantas mães choraram
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Fernando Pessoa, 1934
Mar Português

RESUMO

A monografia intitulada “Trilhas – uma volta ao ambiente natural APA – Guaratuba” foi desenvolvido a partir do interesse pelo tema, Meio Ambiente, Turismo e Educação. O resultado esperado com o trabalho a elaboração de uma proposta de Trilha, a ser desenvolvida na APA Guaratuba, no Litoral Paranaense, de acordo com a realidade socioeconômica e cultural inserida. Com isso fazer uma reflexão e contribuir para o desenvolvimento sustentável da localidade envolvida, pois o Ecoturismo caracteriza-se pelo contato com ambientes naturais e pela realização de atividades que possam proporcionar a vivência e o conhecimento da Natureza pela proteção das áreas onde ocorre. Para fins deste trabalho, delimitou-se como área de estudo e pesquisa o município de Guaratuba, com destaque para a Trilha das Farinheiras propícia para atividade turística e de recreação de baixo impacto, Pois se localiza em áreas planas, encostas suaves, , sendo necessária sua correta ordenação para que não se perca este patrimônio de valor histórico e principalmente pelas características do meio ambiente aonde se encontra inserido. Foi realizada pesquisa quantitativa e seus resultados expostos ao final do trabalho.

Palavras Chaves: turismo, trilhas, área naturais, educação ambiental.

RESUMEN

El proyecto monográfico titulado Sendero – un retorno al medio ambiente natural APA – Guaratuba, fue desarrollado por el interés en el tema, el medio ambiente, turismo y educación. El resultado esperado de este proyecto es la elaboración de una propuesta de una pista a desarrollarse en la APA Guaratuba en Costa del Paraná, según la realidad socioeconómica y cultural en que se inserta. De esta forma, se pretende hacer una reflexión sobre la comunidad local y contribuir al desarrollo sostenible de la localidad, ya que el ecoturismo se caracteriza por el contacto con ambientes naturales y la realización de actividades que pueden proporcionar la experiencia y el conocimiento de la naturaleza, para contribuir a la protección de las zonas donde se produce. Para los propósitos de este estudio, se delimitó como área de estudio e investigación el municipio de Guaratuba, con énfasis en el Camino de las Farineras para la actividad turística y de entretenimiento de bajo impacto, pues está ubicada en zonas llanas, pendientes suaves, cimas de cerros y colinas que requieren un correcto ordenamiento para que no se pierda este patrimonio de valor histórico y principalmente por las características del entorno en que está ubicado.

Palabras clave: Turismo, senderos, áreas naturales, educación ambiental

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 - MOTIVAÇÃO DE VIAGENS AO LITORAL PARANAENSE.....	17
FIGURA 1- APA GUARATUBA.....	19
FIGURA 2 - TRILHA CIRCULAR.....	36
FIGURA 3 -.TRILHA EM FORMA DE OITO	37
FIGURA 4 - TRILHA LINEAR.....	37
FIGURA 5 - ATALHO.....	38
FIGURA 6 - PAINEL INDICATIVO PARA TRILHA AUTOGUIADA.....	40
FIGURA 7 - IDENTIFICAÇÃO EM ÁRVORE	41
FIGURA 8 - TRILHA COM ÁREA DE PISOTEIO E ÁREA MARGINAL	42
FIGURA 9 - ANATOMIA DA TRILHA, COM ÁREA MARGINAL E ZONA TAMPÃO EM DESTAQUE.....	42
FIGURA 10 - TRILHA COM ÁREA DE RODAGEM INTEGRADA AO MEIO AMBIENTE	43
FIGURA 11 - ANATOMIA DA TRILHA- CORREDOR DA TRILHA COM SUPERFÍCIE DE PISOTEIO	43
FIGURA12 - ÁREA MARGINAL EM TRILHA COM SUPERFÍCIE DE PISOTEIO PAVIMENTADA.....	44
FIGRUA 13 - DEGRAUS FEITOS COM TORAS INTEIRAS E ESTACAS DE SEGURANÇA.....	45
FIGURA 14 - DEGRAUS DE MADEIRAS UTILIZADOS EM DECLIVES	45
FIGURA - 15 DEGRAUS DE MADEIRA MEIA CANA, INTEGRADOS AO MEIO AMBIENTE.....	46
QUADRO 2 – CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DOS TURISTAS	48
QUADRO 3 - DADOS DE DEMANDA (2000 – 2006).....	49
GRÁFICO 1 - PERMANÊNCIA NA CIDADE	51

TABELA 1 – PERMANÊNCIA NA CIDADE	51
GRÁFICO 2 - FAIXA ETÁRIA.....	52
TABELA 2 – FAIXA ETÁRIA	52
GRÁFICO 3 - MEIO DE HOSPEDAGEM	53
TABELA 3 – MEIO DE HOSPEDAGEM.....	53
GRÁFICO 4 - MODO DE VIAJAR	54
TABELA 4 – MODO DE VIAJAR	54
GRÁFICO 5 - MEIOS DE TRANSPORTE	55
TABELA 5 – MEIOS DE TRANSPORTE	55
GRAFICO 6 – ATRATIVOS OFERECIDOS	56
TABELA 6 – ATRATIVOS OFERECIDOS.....	56
GRÁFICO 7 - ATIVIDADES NÁUTICAS	57
TABELA 7 - ATIVIDADES NÁUTICAS	57
GRÁFICO 8 - AVALIAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALIMENTAÇÃO E HOSPEDAGEM....	58
TABELA 8 – AVALIAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALIMENTAÇÃO E HOSPEDAGEM	58
GRAFICO 9 - AVALIAÇÃO DE INFRAESTRUTURA DE ACESSO E INFORMAÇÕES.....	59
TABELA 9 – AVALIAÇÃO DE INFRAESTRUTURA DE ACESSO E INFORMAÇÕES .	59
FIGURA 16 - TRILHA DOS INDIOS	61
QUADRO 4 - CARACTERÍSTICA DA TRILHA DOS ÍNDIOS	62
FIGURA 17 - TRILHA COMPACTADA AO CENTRO.....	63
FIGURA 18 - DEGRAUS SEGUNDO DECLIVIDADE DO TERRENO	64
FIGURA 19 - TRILHA FECHADA.....	65
FIGURA 20 - RAIZ EXPOSTA.....	65

LISTA DE ABREVIATURAS E/OU SIGLAS

APA – Área de proteção ambiental

SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Preservação

UC – Unidades de Conservação

EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo

FAUEPG – Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Institucional, Científico e Tecnológico da Universidade Estadual de Ponta Grossa

IAP – Instituto Ambiental do Paraná

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1 APA DE GUARATUBA E TRILHA DOS ÍNDIOS	17
1.2 PROBLEMAS E OBJETIVOS	20
1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO	20
2. TURISMO E TRILHAS	21
2.1 O QUE É TURISMO	21
2.1.1 Deslocamentos na Antiguidade	26
2.1.2 Deslocamentos na Idade Média	28
2.1.3 Deslocamentos e Turismo na Idade Moderna	29
2.2 ECOTURISMO E TRILHAS	32
2.2.1 Trilhas em Unidades de Conservação	33
2.2.2 Quanto ao formato as Trilhas podem ser	36
2.2.3 Conforme o grau de dificuldade as trilhas podem ser	38
2.2.4 Quanto a distância percorrida	39
2.2.5 Quanto ao nível de dificuldade	39
2.2.6 Quanto ao recurso de interpretação	39
2.3 PLANEJAMENTO DA TRILHA	41
3. METODOLOGIA – O CAMINHO DA PESQUISA	47
4. O PÚBLICO E A TRILHA - RESULTADO E DISCUSSÃO	49
4.1 A DEMANDA TURÍSTICA REAL E POTENCIAL DO LITORAL DADOS SETUR (2000 - 2006)	49
4.2 DADOS DE DEMANDA (2000-2006)	50
4.2.1 Caracterização do perfil dos entrevistados	51

4.2.2.Hábitos vinculados ao turismo no município	53
4.3 AVALIAÇÃO DO ATRATIVO: TRILHA DOS ÍNDIOS	61
4.3.1 Característica da Trilha	62
4.3.2 Condição de acesso a trilha	62
4.3.3 Condição de uso da trilha.....	64
4.3.4 Condição da atratividade.....	67
4.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RESULTADOS OBTIDOS.....	67
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICA	70
ANEXOS	72
APÊNDICES	77

1. INTRODUÇÃO

O ato de caminhar, se deslocar, é tão antigo e inerente ao ser humano desde o início dos tempos. Provavelmente as mais antigas trilhas surgiram como consequência direta dos movimentos migratórios dos grandes mamíferos, principalmente herbívoros, fugindo do inverno rigoroso. O ser humano começou a utilizar e/ou estabelecer trilhas para vários fins, desde a simples procura de alimento (trilhas para caça) e água, até peregrinações religiosas, viagens comerciais e ações militares.

As trilhas, usadas originalmente apenas como meio de deslocamento, aos poucos foram incorporadas à indústria do lazer e turismo, estando hoje intimamente associadas ao segmento da oferta turística denominado como ecoturismo. Segundo Mitraud, (2003), é reconhecido que o ecoturismo, sendo uma das formas sustentáveis do turismo possibilita contribuir com a conservação da diversidade biológica, assim como promover melhorias na qualidade de vida das comunidades locais e regionais.

O ecoturismo, tendo como princípio o equilíbrio entre a utilização e a conservação das áreas naturais visitadas e consequentemente o desenvolvimento socioeconômico local (WWF- Interpretação ambiental p. 261). Segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC 2000), a conservação da natureza é o “manejo do uso humano da natureza, compreendendo a preservação, a manutenção, a utilização sustentável, a restauração e a recuperação do ambiente natural, para que possa produzir o maior benefício, em bases sustentáveis, às atuais gerações, mantendo seu potencial de satisfazer as necessidades e aspirações das gerações futuras”.

É um desafio, proporcionar o conhecimento através de passeios em um ambiente desconhecido aos visitantes e ao mesmo tempo atrativos, possibilita colaborar com a população que vive em seu entorno. A condução de visitantes por moradores do entorno das trilhas interpretativas, pode contribuir para geração de renda e conservação ambiental, valorizar a história da comunidade em áreas onde estão situadas as unidades de conservação. Murta (2002, *apud* GOMES, 2012), ressalta que a interpretação do patrimônio, é uma importante ferramenta do

desenvolvimento local sustentável, pois ao proporcionar informações acerca dos elementos, possibilita a valorização dos indivíduos, sejam eles residentes ou visitantes, de forma a assegurar a sua manutenção, além de acrescentar valor a experiência turística.

Tendo que a primeira motivação do ecoturismo é geralmente a observação e apreciação das características naturais relacionadas ao ambiente natural, (Andrade,2008), as trilhas se constituem em importantes atrativos para o público que visita áreas naturais. O uso turístico da trilha possibilita a realização de passeios, observação da fauna e flora, conhecimento histórico e prática de *trekking*. Realizar uma trilha pode ser considerada uma atividade turística em si que, estruturada nos moldes da sustentabilidade, planejadas e em condições apropriadas para uso, possibilita diminuir os impactos do turismo; além de proporcionar aos visitantes, conforto, segurança e conscientização ambiental. As trilhas também podem ser consideradas como atrativos turísticos, quando constituem-se em elementos capazes de motivar o deslocamento turístico. A beleza cênica das paisagens naturais, a cultura rica em histórias e patrimônios e a biodiversidade, todos esses elementos naturais valorizam ainda mais os atrativos (NATALINO, 2004).

Cada vez mais, com a agitação das grandes cidades, o dia a dia nos grandes centros, é crescente a procura por um ambiente que proporcione a sensação de tranquilidade, descanso, contemplação, prazer, assim a volta ao ambiente tais como cachoeiras, lagos e floresta

Sendo assim, as trilhas como atividade turística podem ser concebidas como forma de motivação para a aprendizagem, de maneira informal, em um ambiente onde, mesmo que sozinho, o visitante terá a possibilidade de ampliar seu olhar sob os diversos aspectos da localidade que o cerca. A implantação da trilha, além de proporcionar a visitação, também possui importância econômica, ao possibilitar melhoria de vida da população envolvida da comunidade que virá a participar da gestão da atividade.

Atualmente, existem diversas trilhas que passam a ser consideradas como atrativos turísticos de áreas protegidas, como é o caso de muitas existentes no litoral

paranaense. As trilhas dentro destas localidades são conhecidas por seus moradores que as utilizam como meio de passagem, deslocamento de uma localidade para outra, deixando o caminho marcado, sulcado pelo constante andar, pelo mesmo local indo assim marcando indelevelmente o caminho a seguir. A principal função das trilhas em unidades de conservação, sempre foi suprir a necessidade de deslocamento, porém ao longo dos anos houve uma alteração de valores em relação às trilhas. De simples meio de deslocamento, elas surgem como novo meio de contato com a natureza. A caminhada sendo de curta ou longa distância incorpora um novo significado, passa a ter um sentido em si própria e recebe cada vez mais um grande número de adeptos.

O Paraná possui o maior remanescente contínuo de Mata Atlântica do Brasil, onde ainda podem ser encontradas espécies raras de flora e fauna, além de praias, ilhas e baías, que propiciam momentos de lazer, a prática de esportes náuticos, pesca esportiva, entre outros atrativos.

Segundo Brambatti (2011), inicialmente, a ocupação turística do litoral paranaense foi feita por pessoas de maior poder aquisitivo que recorriam ao mar apenas para banhos medicinais; no decorrer dos anos esta pratica teve influência da moda e pelo tempo ocioso, transformando-se em atividade turística. Conforme já era destacado por Joaquim da Silva Mafra (1952) que Guaratuba, por possuir as características de cidade balneária, já era visitada anualmente por turistas de todo o país e do mundo, quando o acesso se dava ainda por meio de barco.

O turismo, tal como o conhecemos hoje, entre as décadas de 50 e 60, ainda dava os primeiros passos no município de Guaratuba, começando a oferecer então, uma infraestrutura para receber os então chamados “veranistas” vindos em sua maioria de Curitiba e do Norte do Paraná, que aqui vinham para desfrutar de seu lazer a beira mar. A partir deste momento começou a inter-relação entre turistas e comunidade local, principalmente na prestação de pequenos serviços, como jardinagem, serviços domésticos, comércio de produtos caseiros, produtos da pesca entre outros serviços (NATALINO, 2004)

Morales (2001) acredita que a incorporação da interpretação no planejamento turístico de áreas protegidas não só ajuda a reduzir os impactos negativos que os

turistas podem provocar, mas também auxilia na justificativa da existência de tais áreas, divulga os valores do meio e inclusive fomenta o apoio cidadão a diversas tarefas empreendidas pelos órgãos encarregados da conservação.

As principais potencialidades do turismo no Litoral do Paraná estão ligadas às áreas naturais, ou seja, ao meio ambiente.

Atualmente, as principais motivações de viagem para o litoral paranaense estão associadas primeiramente, ao segmento de sol e praia, no entanto, o contato com a “natureza” e “lazer”, que podem ser propiciados pela realização de trilhas, se encontram em segundo lugar, pois somam 32%.

Motivações	Sol e Praia	Natureza	Descanso	Lazer
Variáveis	23%	20%	20%	12%

Quadro 1: Motivações de viagens ao litoral paranaense
 Fonte: Ministério do Turismo (2009), EMBRATUR 2002, FAUEPG 2010, adaptado por Scremin, Sílvia 2015

1.1 APA DE GUARATUBA E TRILHA DOS ÍNDIOS

A APA Guaratuba (ANEXO 1) é um importante local para recreação e educação ambiental, proporcionando interação entre a população e o meio ambiente. Criada pelo Decreto Estadual 1.234, de 27 de março de 1992, a APA de Guaratuba tem o objetivo de compatibilizar o uso racional dos recursos ambientais da região, e a ocupação ordenada do solo, proteger a rede hídrica, os remanescentes da floresta atlântica e de manguezais, os sítios arqueológicos e a diversidade faunística, bem como disciplinar o uso turístico e garantir a qualidade de vida das comunidades caiçaras e da população local (Plano de Manejo da área ambiental de Guaratuba).

O Plano de Manejo da APA Guaratuba (ANEXO 2) é um instrumento de planejamento que visa orientar a gestão participativa, de modo a assegurar a conservação dos recursos naturais e a melhoria da qualidade de vida, em consonância com os interesses das gerações presente e futuras. Busca estabelecer as diretrizes e orientar programas, projetos e ações que possam vir a ser realizados na região, por diferentes grupos de interesse, atuantes direta ou indiretamente no plano de Gestão da APA. O objetivo principal da APA é a proteção dos ecossistemas locais e a promoção do desenvolvimento econômico e social.

O Conselho Gestor, (ANEXO 3) da APA - Guaratuba é presidido pelo Instituto Ambiental do Paraná, órgão responsável pela gestão desta Unidade, de acordo com o (SNUC) – Lei Federal nº 9985, de 18 de julho de 2000. Também fazem parte de sua composição órgãos e entidades da administração pública estadual e dos municípios abrangidos pela APA e entidades da sociedade civil organizada. O Conselho tem por objetivo promover o gerenciamento participativo e integrado para a implantação das diretrizes das políticas nacional, estadual e municipal do meio ambiente.

A APA - Guaratuba possui duas Unidades de Conservação, as quais ainda não possuem Plano de manejo e um Parque municipal ainda em fase de implantação como Parque Municipal (Plano de manejo da área ambiental de Guaratuba). Parque Estadual do Boguaçu (FIGURA 1). Constituído pelo Decreto Estadual no 4.056, de 26 de fevereiro de 1998, com cerca de 6.052 hectares localizados no entorno dos rios Boguaçu e Boguaçu Mirim; o Parque Nacional Saint-Hilaire/Lange (FIGURA 1) Criado pela Lei Federal nº 10.227/2001) com cerca de 24.267,914 hectares, localizado no lado leste da APA; e o Parque Municipal Natural Lagoa do Parado, Criado conforme Decreto Municipal nº 1626/96, envolvendo a Lagoa do Parado e seus afluentes.



FIGURA 1: APA GUARATUBA
 FONTE: IPARDES (2009)

Para efeitos de estudo, foi o Plano de Manejo da APA Guaratuba, em que a Área C11 - Parati, foi indicada como mais propícia para a implantação de uma trilha atrativa para a visitação pública e ordenada. Dentre as trilhas existentes nos morros de Guaratuba, que ainda preservam recantos de bromélias e nascentes d'água intocadas em suas encostas, encontra-se a Trilha dos Índios e das Farinheiras.

1.2 PROBLEMA E OBJETIVOS

Diante do contexto apresentado, surgiu o seguinte problema de pesquisa: Seria viável a implantação de uma trilha natural na APA Guaratuba, como um atrativo

turístico? A partir deste problemática, o objetivo geral deste trabalho é avaliar a viabilidade de tornar a Trilha dos Índios, um atrativo turístico. Para tanto, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- ❖ Verificar o interesse por parte de turistas reais e potenciais, sobre a realização de trilhas na APA de Guaratuba.
- ❖ Avaliar as condições de acesso, uso turístico e atratividade da Trilha dos Índios.

1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho será dividido em 2 partes, sendo primeira constituída por apresentação da História do Turismo, sua evolução ao longo da história, sua importância para que possamos compreender a ligação “ turismo e meio ambiente”, tendo fundamentação teórica baseada em obras de autores como Barreto (2010), Andrade (2004), Beni (2002); entre outros autores e manuais técnicos do Ministério do Turismo (BRASIL, 2012). A segunda parte trata sobre a área delimitada APA – Guaratuba, qual a sua importância para este estudo dentro do contexto área natural, e a avaliação da Trilha dos Índios quanto ao seu manejo e delimitação ordenada, sustentável, como uma área propícia a exploração turística de baixo impacto.

2 . TURISMO E TRILHAS

O entrelaçamento entre turismo e meio ambiente que segundo, Swarbrooke, (2000, p 84) ocorre da seguinte forma:

“ O Turismo e o meio ambiente estão intrinsecamente ligados e são interdependentes. Se o Turismo continuar a crescer, teremos que encontrar formas de melhorar a relação entre os dois e torná-lo mais sustentável”

Deste modo, o presente capítulo irá apresentar aspectos gerais associados a cada um destes temas, com enfoque na utilização das trilhas como atividade turística vinculada ao ambiente.

2.1 O QUE É TURISMO?

A palavra “turismo” surgiu no século XIX, porém, a atividade estende suas raízes pela história. Certas formas de turismo existem desde as mais antigas civilizações, mas foi a partir do século XX, e mais precisamente após a Segunda Guerra Mundial, que evoluiu como consequência dos aspectos relacionados à produtividade empresarial, ao poder de compra das pessoas e ao bem-estar resultante da restauração da paz no mundo. (RUSCHMANN, 1997)

A palavra francesa *tour*, que em francês significa dar a volta, fazer a volta, raiz do atual conceito de turismo, provém do substantivo latino, *tornus* “volta” ou do verbo *tornare* “voltar”. Inicialmente significava “movimento circular” e com o tempo passou a designar também “viagem de recreio, excursão”. O termo francês *Tourisme*, disseminou-se nos mais diversos idiomas, como se vê no vocábulo inglês *Tourism*, conforme e apresentado por Moesch (2002), citado por Tosqui(2007) registra a origem da palavra *turismo*:

O primeiro registro da palavra *turismo* remonta-se a 1800 e está no *Pequeno Dicionário de Inglês Oxford*:

“Turismo: A teoria e a prática de viajar, deslocar-se por prazer. Uso, depredação. A raiz *tour* aparece documentada em 1760, também na Inglaterra. A etimologia da palavra permite indicar sua procedência latina *tornus* (torno) como substantivo, e *tornare* (redondear, tornear, girar) como verbo. A ideia de giro, de viagem circular, de volta ao ponto de partida, se deduz, claramente, da raiz comum, que origina *tornus* e *tornare*. Parece que o *turn* britânico, de 1746 – *to take a turn* – cedeu lugar, em 1760, ao *tour* que usamos até hoje, de influência francesa. Sua primeira utilização como título de obra sobre viagens foi também em Londres, em 1810, no livro de Henry Swinburne, *Picturesque Tour Spain*. Em seus princípios históricos, o conceito simples e vulgar da palavra turismo seria sinônimo de “viagem por prazer”. (MOESCH, 2002, p. 10)

Na própria etimologia da palavra, segundo Cunha,(1982) “Turismo” está refletido a evolução da atividade. Seu primeiro registro em português, no século XX, já designava bem mais do que “uma viagem de ida e volta”. Fuster (2000, p. 11) coloca que nos primórdios históricos do turismo, a palavra era utilizada como sinônimo de “viagem por prazer”. O suíço Arthur Haulot, ao buscar as origens do termo Tour, constata que, *tur* (em hebraico antigo) quer dizer “viagem de descoberta, de exploração, de reconhecimento” (CEZAR,2005).

Segundo a OMT, o Turismo é o :

"fenômeno que ocorre quando um ou mais indivíduos se trasladam a um ou mais locais diferentes de sua residência habitual por um período maior que 24 horas e menor que 180 dias, sem participar dos mercados de trabalho e capital nos locais visitados".

A evidência da natureza também é vista como um atrativo de turistas para destinos onde ela seja um dos atrativos da localidade, pois Natureza em si remete a lazer, aventura, harmonia paz e descanso. Sendo assim, é importante sabermos a evolução do turismo ao longo da história.

Tribos nômades já se deslocavam em busca de melhores áreas de caça, onde poderiam encontrar melhores alimentos, água e segurança. Não era um ser estático e

se colocou em movimento, seguindo seu instinto de sobrevivência e segurança para sua tribo.

O homem pré – histórico se deslocava em busca de alimentos e proteção, respondendo ao instinto natural de sobrevivência e defesa. Algumas vezes a fome era a principal responsável pela evasão dos indivíduos de sua sociedade. Para os que fugiam era a oportunidade de conseguir alimentos em outras paragens; para os que ficavam era o consolo de poder ter um quinhão um pouco maior na repartição dos alimentos que ainda existiam. O desejo de conquistar mais provisões e até mesmo riquezas dos outros povos motivou o empreendimento de viagens para o domínio de outros territórios (YASOSHIMA, OLIVEIRA, 2004 p.17).

A viagem é uma ação decorrente do contexto em que a sociedade está inserida, em um determinado momento da história. A viagem sempre foi um dos elementos componentes da vida econômica e social. A cada tipo de civilização ou sociedade correspondeu uma maneira de se viajar ou de acolher o viajante (LAIME.P p15). Mesmo em cavernas, arqueólogos já encontraram algumas pinturas que indicam registros de viagens entre seus habitantes, pois segundo registros arqueológicos na Caverna de Madasin, nos Pirineus, identificaram que seus habitantes, há 13.000 anos, viajavam até o mar e retornavam (LEAKEY, 1985 *apud* BARRETO, 2003 p.44).

Alguns estudiosos atribuem ainda um dos marcos iniciais do turismo na Antiguidade à viagem da rainha de Sabá, que no século 10 a.C. deixou seu palácio a sudoeste da Arábia para fazer uma visita ao Rei Salomão, em Jerusalém (CEZAR,2005)

No entanto, o deslocamento de povos nômades, a migração de um espaço para outro com a finalidade da busca da sobrevivência, com a procura por melhores condições em territórios que pudesse lhes proporcionar alimentação e segurança, não é visto como Turismo, diferenciando as primeiras movimentações humanas daquilo que concebemos hoje como Turismo. (BARRETO, 2011)

Desde as mais remotas épocas o ser humano, em geral, por uma razão ou por outra, aprendeu a viajar, fosse por lazer, saúde, peregrinação, eventos ou

sobrevivência. No decorrer da história humana sempre existiu deslocamentos de vários povos pelas mais diferentes motivações. Atualmente, o turismo não é sinônimo de migração, mas foi a migração que deu origem à atividade. Os perigos que cercavam estes primeiros viajantes eram muitos e variados, sendo necessário lutar pela sobrevivência. Com isto, aos poucos foram constituindo alianças entre as tribos, que assim tornavam-se maiores e mais seguras em suas viagens.

Conforme relata Dias e Aguiar (2002), na obra Fundamentos do Turismo, as viagens existem desde quando começaram a se formar as primeiras sociedades. Sendo estas motivadas para a obtenção de alimentos; pela busca de regiões mais favorecidas para o cultivo, ou por outros motivos, como políticos, econômicos, sociais, culturais e esportivos.

Com a evolução da História, fora a própria sobrevivência, houve grandes desenvolvimentos tecnológicos e também motivações diferenciadas para a ocorrência das viagens. Como descreve Castelli (2001, p.10): “cada época, da história da humanidade, desenvolveu algum tipo de viagem de acordo com seus meios materiais disponíveis, com seus conhecimentos científicos adquiridos e com suas convicções em vigor”.

Assim, a invenção da roda pelos sumérios, as viagens marítimas dos fenícios, a evolução dos meios de transporte, carruagens, trens a vapor substituíam os meios de transporte de tração animal, os navios a vapor navegavam bem mais rápido. Atualmente, modernos navios de cruzeiro, trens, aviões, dentre outras comodidades proporcionam cada vez mais o deslocamento a maiores distâncias em um menor espaço de tempo.

Cada qual em sua época, os meios de transporte foram indubitavelmente, mais um meio para alavancar os deslocamentos, que passaram a ter um maior conforto, preços competitivos, impulsionando assim, o crescimento das viagens de turismo ao longo da história. O turismo se dá mediante deslocamento, do local de residência, até o destino. Este deslocamento ocorre por diversas motivações, o que determina o local do destino a ser visitado conforme suas expectativas e desejos. BARRETO (1997), afirma que o surgimento do turismo na forma que o conhecemos hoje não foi um fato isolado,

o turismo sempre esteve ligado ao modo de produção e ao desenvolvimento tecnológico. Sendo assim, o modo de produção determina quem viaja, e o desenvolvimento tecnológico, como fazê-lo.

A revolução Industrial dá novo fôlego ao turismo, pois, juntamente com a revolução industrial surge uma nova divisão do tempo: o tempo biológico, o tempo de trabalho, o tempo livre e o tempo inoperante. Esta divisão traz grandes implicações na vida de todos os cidadãos, nas formas de utilização do tempo livre e também sobre as viagens turísticas. (TRIGO, 2003). A divisão entre tempo livre e tempo de trabalho passou a existir a partir do momento em que havia tempo livre das obrigações vinculadas ao trabalho e condições de se praticar o lazer. Trabalhadores que a partir de então passaram a ter condições financeiras para investir em lazer, deixando este de ser apenas um privilégio das classes mais abastadas. Deste modo, a classe trabalhadora passou a viajar e desfrutar de novas experiências, um novo exercício de liberdade e integração social. Segundo Barreto (1997, p.54) temos que:

“No período entre guerras, as férias remuneradas passaram a ser uma realidade para grande parte da população europeia, permitindo que outras classes sociais menos favorecidas economicamente também começassem a viajar, e que todas as classes começassem a aspirar a uma viagem de férias”.

De acordo com Bahl (2004), o lazer é considerado um dos pilares de sustentação para o turismo, pois, as duas atividades se mesclam, o turismo pode ser interpretado como uma forma de lazer, assim como, pode-se utilizar parte do tempo de lazer para a prática do turismo.

A história da humanidade não é linear, sendo que o turismo é um convite à convivência entre pessoas, etnias e culturas diferentes. A viagem é uma preciosidade do imaginário das pessoas e sua realização expressa sentimentos variados, o que faz com que o ato de viajar seja vista como uma pratica de lazer.

2.1.1 Deslocamentos na Antiguidade

No entanto, alguns autores consideram que o turismo é um fenômeno que ocorre desde um período histórico mais remoto. Na Antiguidade Clássica, Grécia e Roma foram os locais mais procurados até então, por viajantes da época por variados motivos, enquanto os romanos viajavam por prazer os gregos assistiam aos Jogos Olímpicos.

Os romanos podem ser considerados os primeiros a viajar por prazer. Diversas pesquisas científicas (análise de azulejos, placas, vasos e mapas) revelaram que o povo romano ia à praia e a centros de rejuvenescimento e tratamento do corpo, buscando sempre divertimento e relaxamento (BADARÓ, p.48 2005).

O mar era um dos principais elementos para a movimentação de pessoas e produtos comerciais. O transporte marítimo era facilitado por uma boa infraestrutura portuária, conforme nos relata De La Torre (2000.p.41) que ressalta que; “O Porto de Pirineus tinha atracadouros e diques secos, além de locais para desembarque, carga e descarga, assim como armazéns para a guarda de mercadorias”. Vale também considerar que:

“Diversos autores, entre eles De la Torre, MachIntire e Lévy, situam o nascimento do turismo no séc. VIII a.C., na Grécia visto que as pessoas viajavam para assistir aos jogos Olímpicos a cada quatro anos; outros acreditam que os fenícios foram seus criadores, por terem inventado a moeda e promovido o comércio e a expansão marítima comercial no Mar Mediterrâneo (BADARÓ, 2002, p.60).

Na Grécia Antiga, os gregos se deslocavam por motivos religiosos, de saúde, sendo que, próximo aos templos existiam facilidades para o pernoite dos viajantes:

Na aurora os sacerdotes médicos lhes aplicavam o tratamento indicado pelos deuses” “...Epidauro, no golfo de Egina, a cidade de Esculápio, o Deus da Cura, os doentes iam para lá esperando que a divindade aparecesse” (Yasoshima e Oliveira, in: Rejowski, 2002, p. 20)

Os Jogos Olímpicos, o maior dos eventos gregos atraía grande quantidade de atletas e espectadores. Somente homens livres competiam nos Jogos Olímpicos que

eram realizados a cada quatro anos na cidade-estado de Olímpia. Os atletas ficavam acomodados em alojamentos conhecidos como Leonidaion, este era um privilégio reservado apenas aos atletas sendo que “...os ricos e os membros das delegações erigiam tendas e pavilhões para se abrigar, e a maioria das pessoas que assistiam aos jogos dormiam ao relento. (REJOWSKI, 2002, p.21).

Os Jogos Olímpicos motivaram as primeiras viagens de lazer, que se tornaram importantes a ponto de se fazer trégua nas guerras para salvaguardar os viajantes. Todos os demais pontos do trajeto, e não apenas Olímpia adaptaram-se e criaram estruturas de alojamento, alimentação e transporte para esses primeiros turistas (CEZAR, 2005).

Não somente os Jogos Olímpicos atraíam viajantes de várias localidades, pois havia ainda os Jogos Pítios realizados em Delfos no Santuário de Apolo, que a princípio eram mais jogos artísticos do que competições atléticas; os Jogos Ístmicos, que se realizavam em Isthmia no Santuário de Poseidon, que eram controlados pela Cidade Estado de Corinto, e finalmente os Jogos Nemeus realizados em Nemea no Santuário de Zeus, que era controlado pela cidade estado de Kleonai e Argos (REJOWSKI,2002, P.21).

Roma, devido às facilidades existentes como a língua, boas estradas, moeda única por todo império e conexões marítimas regulares também era um destino procurado por seus balneários tido como regiões para descanso aonde as “villas” eram vistas como um símbolo de status. Segundo Mill e Morrison (1992, p.2), os 5 principais fatores para o florescimento das viagens eram:

- O controle de um vasto império estimulava o comércio, fazendo surgir uma classe média com recursos financeiros pra viajar;
- As moedas romanas eram tudo que os viajantes precisavam carregar para o financiamento de suas viagens;
- Os meios de transporte – estradas e roteiros aquáticos – eram excelentes;
- A comunicação era relativamente fácil, pois o grego e o latim eram as principais línguas faladas;
- O sistema legal propiciava proteção por parte dos governos estrangeiros, garantindo a segurança para o viajante.

A Pax Romana foi fundamental para as viagens, por quase dois séculos houve paz, de 29 a.C com Augusto César declarando o fim das guerras de conquistas até 180

d.C com a morte de Marco Aurélio. O Império Romano ia da Inglaterra até a Mesopotâmia, metade da Europa, grande parte do Oriente Médio e do Norte da África, nesta época houve grande desenvolvimento de vias de tráfego, com construção de estradas, hospedarias e estalagens para o descanso das tropas em suas viagens de conquistas. Dias,(2002)

O forte intercâmbio comercial e eventos como os espetáculos circenses e lutas de gladiadores, eram atrativos cada vez maiores para o viajante, bem como as termas cujos principais destinos ficavam a beira mar. Segundo, Rui Aurélio de Lacerda Badaró, no artigo “O direito do Turismo através da história e sua evolução”.

“Os romanos podem ser considerados os primeiros a viajar por prazer. Diversas pesquisas científicas (análise de azulejos, placas, vasos e mapas) revelaram que o povo romano ia à praia e a centros de rejuvenescimento e tratamento do corpo, buscando sempre divertimento e relaxamento” (BADARÓ, 2005).

Com o declínio do Império Romano, guerras intensas destruíram as estradas, o comércio acabou se tornado difícil, acabando assim com a prosperidade econômica. Segundo Sigaux, (1965 apud Yasoshima, & Oliveira in:Rejowski, 2002, p. 31) muitas estradas foram destruídas ou desapareceram por falta de conservação . A insegurança foi determinante como um impedimento para realização de viagens. Temia-se pela vida, em função do risco de saques e assaltos, somente viajava quem realmente precisava. Segundo Lage e Milone, (2000, p. 31), principalmente após a invasão dos bárbaros, no século IV.

Sob o domínio de Carlos Magno, depois de um período difícil devido aos conflitos, as viagens voltam a crescer, esse crescimento acontece devido às peregrinações religiosas até Jerusalém, surgindo assim um novo tipo de viajante: “o peregrino”, também chamados nesta época de palmeiros. BADARÓ(2000)

As peregrinações à Jerusalém, para a Igreja do Santo Sepulcro, construída pelo imperador Constantino em 326 d.C era um ponto importante para as peregrinações, sendo estimulada pela Igreja com a promessa de concessão de indulgências e graças espirituais.

2.1.2 Deslocamentos na Idade média

Visitar Roma era quase que obrigatoriedade de todo “bom cristão”, que a partir do século VI passam a se chamar romeiros. A descoberta da tumba do apóstolo Thiago que daria origem ao Caminho de Santiago de Compostella, no norte da Espanha também é um local de peregrinação, sendo que o “*Guide du Pèlerin*” de Saint Jacques de Compostelle, escrito como um roteiro de viagem sobre a travessia partindo da França escrito em 1140 pelo peregrino francês Aymeric Picaud é citado até hoje, como um guia para o caminho, com uma lista clara e precisa, com riqueza de detalhes, os caminhos até Santiago, é considerado um roteiro,^{1º} a ser impresso na Europa, iniciando publicações que se assemelham aos atuais “guias turísticos”, (Barreto, 2001).

Porém, não somente os cristãos faziam peregrinações, os muçulmanos se dirigem Cidade Santa de Haji, também conhecida como Meca, um local de peregrinação até os dias atuais, assim as viagens apresentavam motivação e deslocamento com tempo específico para retorno aos locais de origem.

2.1.3 Deslocamentos e turismo na Idade Moderna

Com o Renascimento Europeu, no final do séc. XVI houve um grande desenvolvimento cultural, tanto artístico como científico, sendo desta época o surgimento de grandes Universidades como Oxford, Paris Salamanca e Bolonha. Ricos senhores financiaram e protegeram artistas, cientistas e literatos, eles eram conhecidos como mecenas. Nesta época, viajar passou a ser uma oportunidade de se adquirir conhecimento, aprender novos idiomas, novas culturas.

É neste ambiente de efervescência cultural que as viagens de aprendizado e reconhecimento começam a ser estimuladas e consideradas como uma forma de educação. (IGNARRA, 2003)

O desejo de conhecer novas culturas, novos idiomas se tornou comum entre a classe média ao final do século XVII. Viajar para outros países, mais do que um símbolo de status, tornou-se quase que uma necessidade de aprendizagem, para expandir os horizontes culturais, tornando o cidadão consciente de suas responsabilidades. Assim sendo, os ingleses começaram a viabilizar a ida de os jovens estudantes para outros países, acompanhados de professores ou tutores, era uma viagem educacional e cultural, uma viagem de estudos “*Le grand tour*”, “*Faire le grand tour*”, a grande volta, fazer a grande volta respectivamente. Ao final do séc. XVII, o turismo então, era essencialmente praticado por filhos da aristocracia e da chamada *gentry* (pequena nobreza), porém aos poucos essa clientela foi se ampliando.

Ao final do século XVIII, o Grand Tour, estava estabelecido para os filhos de classe média urbana melhor situada, formada por burgueses prósperos e emergentes do setor de serviços da indústria. O *Grand Tour* é essencialmente inglês, pois, a Inglaterra havia triunfado na Índia e na América do Norte, era a nação que estava liderando o mundo no comércio e nos métodos industriais e agrícolas de produção, em alguns casos estas viagens vinham a ser custeada pela Coroa Inglesa que assim acreditava estar contribuindo para a formação de futuros estadistas, pois estes jovens ao voltarem estariam preparados para assumir cargos de destaque fossem civis ou militares (Barreto, 2001).

Itália e França, palco de grande desenvolvimento artístico e científico, também enviavam seus filhos para as chamados Viagens de Estudos os Grand Tours. Viajar passou a ser uma oportunidade de se adquirir conhecimento, aprender novos idiomas, vivenciar novas culturas, a observação direta dos usos e costumes, política, religião e arte de outras nações, tornou-se assim uma etapa indispensável para a formação dos jovens aristocratas.

Nos séculos XVIII e XIX as famílias nobres enviavam seus filhos para estudarem nos grandes centros culturais da Europa, acompanhados de seus

competentes e ilustres preceptores. O Grand Tour, sob o imponente e respeitável rótulo de viagens de estudo (Andrade, 1998, p 09)

Estes jovens voltavam com grande conhecimento associado a costumes e cultura de outra região; religião, política, música e arte dos países visitados, sendo que ainda lhes era conferido destacado status social. Embora a princípio seu itinerário se fundamentasse em passeios de excelente qualidade com atrativos prazerosos aos jovens em viagem, conforme nos indica Andrade, (1998, p.35)

Os ingleses, importantes e ricos, consideravam detentores da cultura apenas quem tivesse educação ou formação profissional coroada com um Grand Tour através da Europa, programa que se iniciava na Holanda, passando depois a Bélgica e Paris de onde os turistas passavam ao sudeste francês e daí a Sevilha, Via Madri e Lisboa. A etapa seguinte caracterizava pelos deslocamentos por pontos importantes da França não contemplados na etapa anterior, pela Suíça, Itália, até chegar à Velha Grécia. Conhecidos os pontos remanescentes da riqueza da civilização helênica, os nobres cultos subiam o Danúbio, desde Viena atingindo Munique, passando através da Alemanha ao longo do Reno. Depois, exaustos de tanto vaga, estudar e se divertir-se, discípulos e mestres retornavam a Inglaterra via Bremen e Hamburgo.”

Sendo assim, as viagens neste âmbito de aprendizagem, unidas ao prazer são propícias para ajudar no crescimento e formação. De acordo com Montejano (2001) o fenômeno do turismo está vinculado diretamente com o tempo livre e com a cultura do lazer.

Em 1841 surgiu um grande avanço no turismo graças a Thomas Cook, que organizou a primeira viagem coletiva da história do Turismo internacional, para um congresso protestante, para esta viagem ele se utilizou de um trem fretado, era o começo da comercialização das viagens de turismo, uma forma organizada de se viajar. Frente a esta nova vertente de mercado Cook começa a elaborar viagens de trens e navios com o objetivo de levar a classe ociosa para viajar, também Thomas Bennet na Escandinávia e o alemão Louis Stangen, que se preocupou com uma oferta mais seleta para um público igualmente seleta, diferenciando-se em seus negócios do público atingido por Cook, foram os primeiros a tratar o turismo de forma organizada. BARRETO (1997)

O turismo se relaciona intrinsecamente com movimento, conhecimento em novos lugares, muitos viajantes, mesmo na Antiguidade já faziam isto através de trilhas, caminhos pouco utilizados, por onde seguiam até seus destinos finais, com o passar do tempo esses acessos primários foram cada vez mais melhorando até se tornarem as modernas estradas tal qual a conhecemos.

2.2 ECOTURISMO E TRILHAS

Ambientes são procurados por pessoas como um novo paraíso, onde impera a calma, tranquilidade, como um local longe da poluição, do barulho e da agitação das grandes metrópoles. Segundo Serrano (2001), o turismo em áreas naturais seria decorrente do desejo de fuga para a vida cotidiana, um retorno de uma vida mais ligada a harmonia entre homem e natureza, com o objetivo de resgatar costumes e até mesmo tradições dos modelos de sociedades do passado.

Trilhas podem vir a ser mais um atrativo ao município; são práticas atrativas, pois cada vez mais pessoas buscam lugares para se aproximarem do ambiente. As trilhas são o caminho para que se possa desfrutar das áreas naturais de maneira organizada, segura e consciente, possibilitando a preservação do ambiente natural. Quando planejadas e manejadas adequadamente, servem de proteção ao usuário e ao ambiente, além de assegurar maior conforto e segurança ao caminhante (DIAS & QUEIROZ, 1997).

Segundo a EMBRATUR (1994, p. 9), as trilhas são corredores de circulação bem definidos através dos quais os visitantes são conduzidos à locais de grande beleza natural para observação da natureza.

Por definição, Ecoturismo ou turismo ecológico é um segmento do turismo que envolve patrimônios e belezas naturais; incentiva a formação de uma consciência ambientalista e a conservação da natureza, sendo um dos segmentos do Turismo ligado à natureza, o qual estimula a prática de caminhadas através das trilhas ecológicas ou sob tração animal aproximando o homem com a natureza (CARVALHO, 2004).

2.2.1 Trilhas em Unidades de Conservação

Trilhas em Unidades de conservação são vistas como instrumento de preservação, de apreciação, e de educação ambiental. A existência de uma trilha frequentada por visitantes afasta usuários indesejados, e preserva quilômetros quadrados ao redor. Pode ser uma trilha Interpretativa com indicações e painéis explicativos durante seu percurso ou uma trilha de recreação, passeio ou uso público.

Trilhas interpretativas, esse tipo de trilha tem caráter educacional, são normalmente de curta extensão e, segundo Guillaumon (1977), pode ser definido como um percurso em um sítio natural que consegue promover um contato mais estreito entre o homem e a natureza. Consiste num instrumento pedagógico importante que possibilita o conhecimento de fauna, flora, geologia, geografia, dos processos biológicos, das relações ecológicas, do meio ambiente e sua proteção.

Trilhas de recreação, passeio ou de uso público são para todo mundo. Elas nos permitem voltar a nossas raízes primitivas. As trilhas ajudam as pessoas a extrair algum sentido de um mundo cada vez mais dominado por automóveis, calçadas e concreto. Elas valorizam nossa herança e nos põem em contato com nossos ambientes naturais, nos confortam a alma, nos desafiam o corpo, e nos permitem praticar habilidades pouco exigidas no dia-a-dia.

A temática ambiental tem se difundido nas últimas décadas, assim como projetos e iniciativas alinhadas a educação ambiental, responsável por sensibilizar e, principalmente, mobilizar comunidades para a questão em destaque (SANTOS *et al*, 2011).

Em 1992, em Belize no Congresso Mundial de Ecoturismo foi apresentado seu conceito como: Turismo dedicado à apreciação da Natureza de forma ativa, com o objetivo de conhecer e interpretar valores naturais e culturais existentes em estreita interação e integração com as comunidades locais e com o mínimo de impacto sobre os

recursos e ser base de apoio aos esforços dedicados à preservação e manejo de áreas naturais onde se desenvolvem as atividades ou naquelas cujas prioridades seja a manutenção da biodiversidade”. Para o Ministério do Turismo o Ecoturismo é definido como:

egmento da atividade que utiliza de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista, através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações. (MTur, Brasil 2006, p.09)

É reconhecido que o ecoturismo, enquanto uma das formas sustentáveis do turismo, tem potencial para contribuir com a conservação da diversidade biológica, assim como promover melhorias na qualidade de vida das comunidades locais e regionais, levando em conta que a população local irá se beneficiar desta nova atividade com sua inserção no mercado de trabalho e fazendo com que a renda gerada pelo turismo circule dentro da própria localidade.

A *International Ecotourism Society* define ecoturismo como uma viagem responsável para áreas naturais que pretende conservar o ambiente e apoiar o bem estar das populações locais (IES,pag.31). O ecoturismo, segundo Paulo Pires (1999, p 190) apresenta os seguintes princípios.

- 1) Viagens recreativas responsáveis para áreas de significativo valor natural com a finalidade de apreciar, desfrutar e fundamentalmente entender tantos problemas ambientais no sentido físico, quanto valores culturais que encerram.
- 2) O apoio à conservação ambiental, com o uso dito sustentável dos recursos.
- 3) A participação das populações locais para obtenção do máximo de benefícios econômicos do turismo, usando os recursos de maneira racional.
- 4) A máxima diminuição de possíveis impactos físicos e culturais que esta atividade possa gerar
- 5) A educação ambiental visando a formação e aprofundamento da consciência ecológica e respeito aos valores tanto para a comunidade anfitriã quanto para os turistas

As trilhas constituem elementos importantes, para colocar em prática os princípios do ecoturismo, citados anteriormente. Trilha é uma palavra decorrente do latim “*tribulum*” que tem na sua origem o significado de caminho, rumo, direção. Inicialmente, a principal função das trilhas era suprir as necessidades de deslocamento, em busca de alimentos, ações militares e outros (BOÇON, 2002).

A trilha será o meio pela qual o turista irá se locomover por um determinado local, tendo as mais claras orientações necessárias para poder desfrutar de seu passeio junto da natureza de uma maneira planejada, segura e consciente. Uma trilha bem construída se faz de vital importância quanto a sua conservação e os meios que serão usados para construí-la de maneira que se atinja o menos possível o ambiente visitado, de modo a deixar o ambiente em sua forma original mais intacta possível, deve ser resistente e adequada ao espaço a que se destina.

Para a formação de uma trilha se faz necessário, planejamento, conhecimento técnico do local com conhecimento de sua flora e fauna, elaboração de um plano operacional de fluxo de pessoas adequado à visitação, fazer com que as informa es sobre o local a ser visitado apresente indicativos (placas informativas), com uma linguagem fácil de interpretar esteja disponível ao turista visitante, contribuindo para um melhor relacionamento com a popula o local, estabelecendo assim um equilíbrio dinâmico entre todas as partes envolvidas. As trilhas têm de contemplar em seu planejamento vários requisitos como formato, distância, nível de dificuldade, se vai ser guiada ou autoguiada, entre outros aspectos quanto a solo, fauna e flora.

Segundo Carvalho, (2002, pag.48), as trilhas em áreas naturais devem ter as seguintes características a serem seguidas:

- 1) Ser prazerosa: sendo interessante, cativante, divertida, prendendo a aten o da audiência, não devendo ter um ar de formalidade;
- 2) Ser significativa: que relacione o conteúdo da interpreta o com algo que já conhecemos ou vivenciamos;
- 3) Ser organizada: ter uma estrutura coerente, sendo assim acompanhada com facilidade, não exigindo muito esforço dos visitantes;

- 4) Ser provocante: fazer o visitante refletir sobre um fato que lhe é apresentado;
- 5) Ser diferenciada: elaborar programas interpretativos diversificados, pois os visitantes possuem perfis diferentes;

Segundo Andrade & Rocha (1997), as trilhas utilizadas para o ecoturismo que anteriormente eram usadas para deslocamento, apresenta o seguinte problema: não recebem qualquer tipo de manutenção; quase todas sofrem o problema de erosão e há pontos críticos com relação à segurança; frequentemente desaparecem tomadas pelo mato devido ao desuso. Algumas ainda apresentam bifurcações que não levam a lugar algum.

2.2.2 Quanto ao formato as trilhas podem ser:

Circular: que oferece a possibilidade de se voltar para o ponto de partida, sem repetir o percurso ou cruzar com outros visitantes;

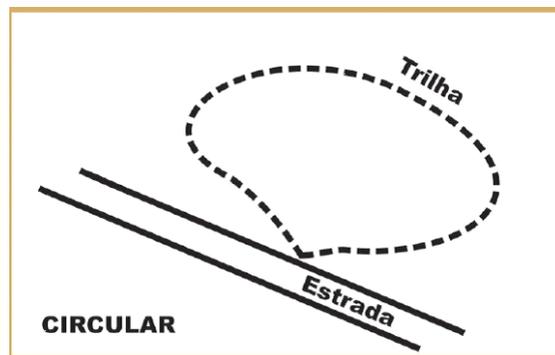


FIGURA 2: TRILHA CIRCULAR
 FONTE: ANDRADE, W. J.; ROCHA, R. F. 2008

Em forma de oito: são muito eficientes em áreas limitadas, pois aumentam a possibilidades de uso destes espaços;

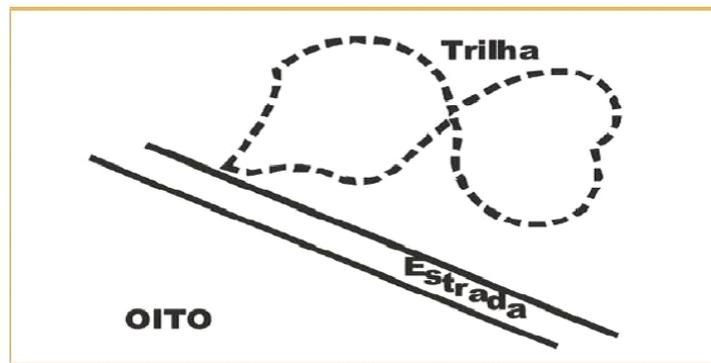


FIGURA 3: TRILHA EM FORMA DE OITO
 FONTE: ANDRADE,W. J.; ROCHA, R. F. 2008

Linear: é o formato de trilha mais simples e comum, geralmente seu objetivo é conectar o caminho principal, a algum destino como lagos, clareiras, cavernas, picos, e outros, mas apresenta as desvantagens do caminho de volta ser igual ao de ida, e a possibilidade de cruzar outros visitantes;

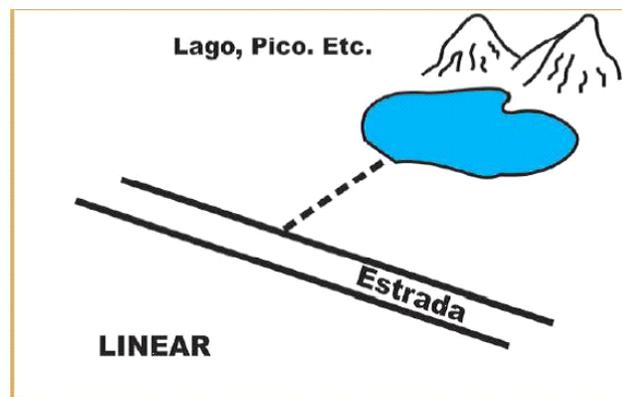


FIGURA 4: TRILHA LINEAR
 FONTE: ANDRADE,W. J.; ROCHA, R. F. 2008

Atalho: seu início e fim estão em diferentes pontos de uma trilha ou caminhos principais (ANDRADE, 2003).

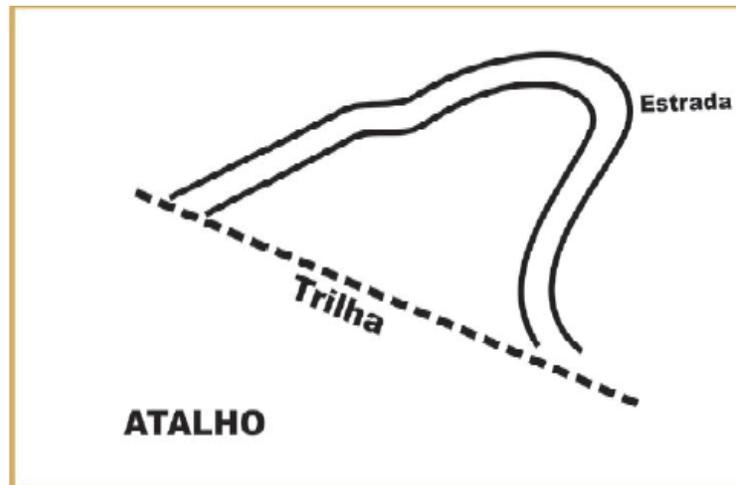


FIGURA 5: ATALHO
 FONTE: ANDRADE, W. J.; ROCHA, R. F. 2008.

2.2.3 Conforme o grau de dificuldade as trilhas podem ser:

Quanto à classificação das trilhas segundo estudo realizado por Dias . (1986) define como proposta os seguintes valores de classificação para o grau de dificuldade nas trilhas, com base na rampa média ao longo dela.

- 0 –10%- leve;
- 10 –20%- média;
- 20 –50%- difícil;
- 50 – 100% - muito difícil, e
- > 100% - alpinismo.

2.2.4 Quanto à distância a ser percorrida:

A Prefeitura Municipal de Brotas (2003) regulamentou a atividade, quanto a distancia a ser percorrida e quanto ao nível de dificuldade

- a) Trilha curta: distância de no máximo 500 m;
- b) Trilha média: distância de até 1.500 m, e
- c) Trilha longa: distância superior a 1.500 m.

2.2.5 Quanto ao nível de dificuldade

- a) Trilha leve com distância de até 500 m, exigindo pouco esforço físico, sem apresentar obstáculos e não exigindo qualquer técnica específica
- b) Trilha moderada com distância de até 1.500 m, exigindo esforço físico moderado, apresentando pequenos obstáculos, como desníveis, escadas, pedras, troncos, riachos, mas não exigindo técnica específica.
- c) Trilha avançada: distância superior a 1.500 m, exigindo esforço físico intenso, apresentando obstáculos e exigindo o uso de técnicas específicas, como natação e escalada.

2.2.6 Quanto ao recurso de interpretação.

As trilhas podem ser subclassificadas quanto aos recursos de interpretação ambiental de duas maneiras: guiadas ou autoguiadas (Rocha , 2006):

Trilha Guiada: é aquela realizada com acompanhamento de um guia/condutor, tecnicamente capacitado para estabelecer um bom canal de comunicação entre o ambiente e o visitante, oferecendo segurança a todos na caminhada

Trilha autoguiada permite o contato do visitante e o meio ambiente sem a presença de um guia. Recursos visuais (FIGURA 6) gráficos e outros orientam a caminhada, com informações de direção, distância, elementos a serem destacados(FIGURA 7), (árvores nativas, plantas medicinais, ocorrência de comunidades de animais, etc.) e os temas desenvolvidos (mata ciliar, recursos hídricos, raridade geológica, indicações arqueológicas, etc.).

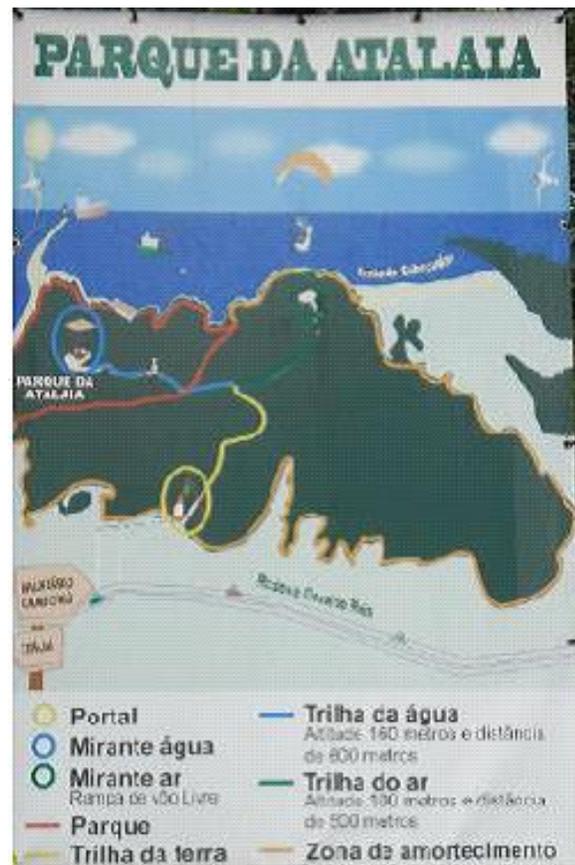


FIGURA 6: PAINEL INDICATIVO PARA TRILHA AUTOGUIADA.
FONTE: A AUTORA 2013



FIGURA 7: IDENTIFICAÇÃO EM ÁRVORE
FONTE: A AUTORA, 2014

2.3 PLANEJAMENTO DE TRILHA

Toda área na influência de utilização da trilha é chamada “corredor da trilha”. Em áreas protegidas uma grande dificuldade que se encontra é dimensionar a trilha; portanto é necessário conduzir estudos para se definir de modo adequado, principalmente a largura de sua zona tampão.

Estudos indicam que a porção central é a superfície de pisoteio (FIGURA 8 e 9) ou de rodagem, se for do tipo pavimentada,(FIGURA10,11 e 12) sua largura pode ser aproximadamente 1,20m, caso seja definido um sentido para o deslocamento, levando se em conta que cada trilha é diferente de outra levando em conta sua localização, área delimitada e traçado.



FIGURA 8 : TRILHA COM ÁREA DE PISOTEIO E ÁREA MARGINAL
FONTE: A AUTORA, 2014



FIGURA 9 : ANATOMIA DA TRILHA, COM ÁREA MARGINAL E ZONA TAMPÃO EM DESTAQUE
FONTE: ANDRADE, W. J.; ROCHA, R. F. da. 2008.



FIGURA 10: TRILHA COM ÁREA DE RODAGEM INTEGRADA AO MEIO AMBIENTE
 FONTE: A AUTORA 2014

A porção contígua à superfície de pisoteio é a área marginal que deve ter aproximadamente 80 cm de cada lado, sua manutenção (limpeza e serrapilhamento), será feita levando em consideração a localização, clima na localidade, tipo de vegetação existente nesta área marginal.

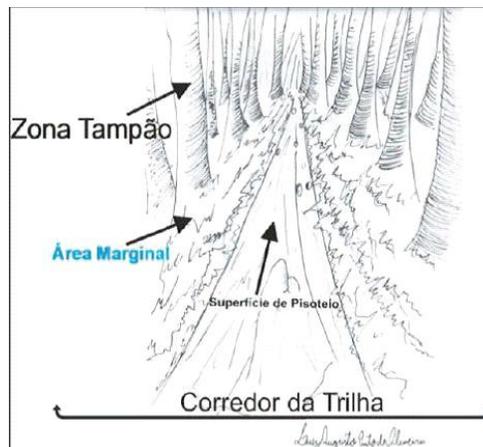


FIGURA 11 :ANATOMIA DA TRILHA- CORREDOR DA TRILHA COM SUPERFÍCIE DE PISOTEIO
 FONTE: ANDRADE,W. J.; ROCHA, R. F. 2008



FIGURA12: ÁREA MARGINAL EM TRILHA COM SUPERFÍCIE DE PISOTEIO PAVIMENTADA
FONTE: A AUTORA, 2014

De grande importância tratando-se de trilhas é a transposição em áreas com declividades, nesta área é recomendado o feitiço de degraus, (FIGURA 13 e 14), sendo importante salientar que tem de ser planejados para serem harmônicos com o local em questão, algumas trilhas utilizam pedras ou outros recursos conforme o projeto e a localidade em questão, sendo necessária a manutenção deste recurso em conjunto com a manutenção da trilha em geral.

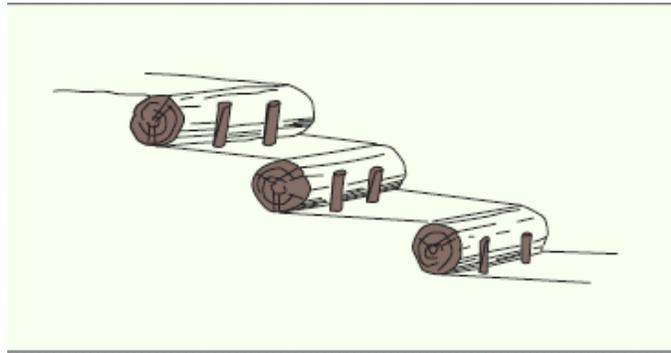


FIGURA 13: DEGRAUS FEITOS COM TORAS INTEIRAS E ESTACAS DE SEGURANÇA
 FONTE ANDRADE,W. J.; ROCHA, R. F. 2008

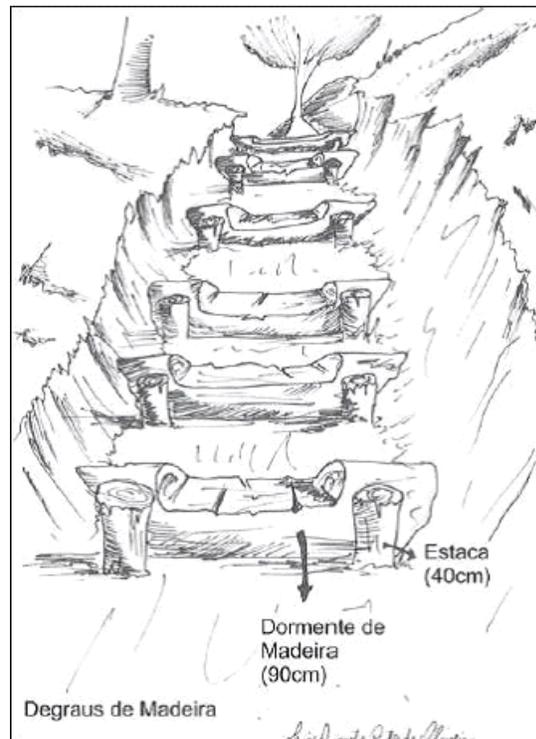


FIGURA14: DEGRAUS DE MADEIRAS UTILIZADOS EM DECLIVES
 FONTE: ANDRADE,W. J.; ROCHA, R. F. 2008.

Como se observa na ilustração a seguir (FIGURA.15), os degraus estão integrados ao meio ambiente, de forma harmônica e elegante, proporcionando uma passagem condizente com o paisagismo do local em questão.



FIGURA 15: DEGRAUS DE MADEIRA.
FONTE: A AUTORA, 2014

Conforme apresentado, a implantação de uma trilha tem de ser feita conforme o local onde será feita, respeitando as próprias particularidades, a partir da definição do traçado após estudos feitos no local de instalação, onde seja priorizado o traçado de trilhas já existentes no local sendo feita sua revitalização com as devidas proporções quanto a degraus para transposição de locais, áreas de clareamento, serrapilhamento, segurança, delimitação e demarcação dos atrativos durante o percurso. Enfim, a formatação de uma trilha depende da articulação entre o local em questão, os recursos naturais disponíveis e o planejamento necessário para sua real efetivação. Não existem duas trilhas iguais, seja em formato, em declividade, acesso, atratividade, cada trilha é única por suas particularidades e atratividades diferenciadas que apresentam, bem como a experiência em seu passeio, cada trilha carrega suas histórias, lendas e a beleza de sua flora e fauna. Todos esses elementos tornam o contato entre a natureza e o ser humano, mesmo que por uma breve duração de tempo, uma experiência única.

3 . METODOLOGIA - O CAMINHO DA PESQUISA

Com a delimitação da área de trabalho foi efetuada pesquisa bibliográfica quanto a APA Guaratuba e seu plano de manejo, gestão, bem como planejamento, manejo e implantação de trilhas em áreas naturais.

Quanto a parte de campo, foi aplicado via on line questionário quantitativo estruturado (APENDICE 1), durante uma semana, dirigido a grupos específicos de interesse, entre eles Gestour Brasil, Diagnóstico Guaratuba, Turismo, Meu negócio, Ministério do Turismo, Essencial Consultoria e Turismo, Pesquisadores do Turismo, GT2012 UFPR, Vida de Turismólogo, sendo que foram enviadas primeiro para os administradores das páginas em questão para validação, e em todos os endereços citados foram publicadas e divulgadas como um instrumento de pesquisa para o turismo no litoral do Paraná, além de envio a professores e alunos ligados ao estudo do turismo. Com os dados levantados foram elaborados os gráficos com a porcentagem dos dados em geral.

Nesta pesquisa foram abordados os tópicos básicos como sexo, faixa etária, tempo de permanência na cidade, meio de hospedagem , meio de locomoção. No quesito quanto a atrativos da cidade no qual foram elencados 10 atrativos, os critérios usado foram de pouco, muito ou nenhum interesse os mesmos critérios foram utilizados quanto as atividades náuticas.

Para os serviços de alimentação em bares e restaurantes, serviços de hospedagem em camping, pousadas e hotel, informações veiculadas na Internet sob o município, informações na localidade de apoio ao turista, acesso pelas duas entradas via Garuva e via *ferry boat*, em todos estes quesitos foram avaliados conforme a preferencia em bom, ótimo, ruim péssimo ou regular.

Em um segundo momento foi realizada entrevista com o Sr. Mario Natalino (APENDICE 2) quanto ao turismo em Guaratuba, na qual foi visto que realmente o turismo não é tido como uma prioridade no município, sendo um setor apenas lembrado

quando é temporada, Carnaval ou Festa do Divino, sendo estas as 3 datas que mais atraem visitantes ao município. Porém, o interesse em turismo existe, mas devido a outros setores mais primordiais ao município, o turismo realmente não é valorizado como devia.

Na entrevista com a Sra. Célia Cristina (APENDICE 3), gerente geral do IAP responsável pela gestão da APA - Guaratuba, constatou-se que há grande número de atividades ligadas a este meio sendo feitas de maneira particular por interessados em explorar o que o município pode lhe ofertar, são atividades particulares (passeios pela baía, passeios noturnos para ver a bioluminescência na baía, pescarias, mergulhos entre outras atividades). Com a articulação entre os diversos envolvidos atividades e em outras ligadas as câmaras temáticas da APA Guaratuba, será possível efetivar um desenvolvimento para a atividade turística na região. Em ambas as entrevistas foi enviado solicitação de entrevista, enviada as perguntas previamente e agendado a entrevista para a data que fosse conveniente aos entrevistados.

Na pesquisa de Campo feita na Trilha dos Índios, foi feito levantamento fotográfico das condições atuais da trilha, onde se constatou que realmente há o potencial, neste que era usado como um caminho de atalho entre Prainha e Cabaraquara, a rica fauna e flora da região podem ser apontados como atrativos naturais, como a trilha ainda necessita de maiores intervenções a serem realizadas para um melhor trafego de visitantes com a correta delimitação, marcação, manutenção e outras melhorias na trilha poderá vir a ser mais um atrativo turístico do município.

4. O PÚBLICO E A TRILHA: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta etapa serão inicialmente apresentados os dados obtidos via bibliográfica SETUR 2000-2006 e dados levantados com aplicação de questionário via on line com turistas potenciais/reais e análise da trilha.

4.1 A DEMANDA TURÍSTICA REAL E POTENCIAL DO LITORAL DO PARANA - SETUR (2006)

Dados de pesquisa levantados através de pesquisa estruturada com turistas reais e potenciais. A título de caracterização do perfil dos turistas que frequentam Guaratuba, os dados da SETUR-Paraná, entre 2000-2006, foram obtidos os seguintes resultados apontam para:

Principal procedência	Curitiba e região metropolitana.
Sexo	Na maioria do sexo masculino, sendo que os estrangeiros representam 2,0% do total.
Meio de locomoção	Automóvel com maior índice de 91,7 em 2002
Meio de hospedagem	Casa própria com maior índice de 41,5% em 2006
Índice de satisfação	Quanto a infraestrutura de acesso neste mesmo período o índice ficou acima de 75%

QUADRO 2: CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DOS TURISTAS
 FONTE: SETUR, ADAPTADO POR SCREMIN, SÍLVIA 2015

Guaratuba recebe uma média diária de 4.538 pessoas a mais nos balneários do município, na alta temporada. Sendo que na baixa temporada durante o restante do ano este número é diminuto com exceção de feriados prolongados aonde se nota um aumento no fluxo de turistas nestas ocasiões, a tendência é de relativa ociosidade dos equipamentos urbanos, turísticos e de lazer, sendo a baixa temporada muito sentida economicamente por toda a população.

4.2 DADOS DE DEMANDA (2000 – 2006)

Conforme dados da pesquisa da SETUR, houve um considerável aumento nas visitas ao município, sendo que em 2006, 33,3% dos entrevistados retornavam ao município 1 vez ano, e 12,8% dos entrevistados retornavam duas vezes por ano. Houve também um aumento considerável nos gastos de US\$ 12,90 para US\$ 23,10, bem como em seus gastos. Porém, nota-se a falta de mais dados quanto á demanda, sendo estes os últimos dados levantados. Não há uma pesquisa atualizada de demanda após esta data (QUADRO 03).

Anos	2000	2001	2002	2004	2005	2006
1° vez (%)	39,3	11,5	Não houve	12,2	13,0	7,7
Não era a 1° vez	60,7	88,5	Não houve	87,8	87,0	92,3
Permanência (dias)	8,2	7,00	10,1	8,1	9,4	7,9
Idade (anos)	38,3	38,2	39,4	36,7	37,9	39,7
Gasto médio diário total 15,00(US\$)	12,90	15,00	18,00	16,10	15,20	23,10
Renda média individual (US\$)	1229,90	927,80	1316,70	669,80	640,40	902,70

QUADRO 3: DADOS DE DEMANDA 2000- 2006

FONTE : SETUR PARANÁ - ESTUDO DE DEMANDA TURÍSTICA, ADAPTADO POR SCREMIN, SÍLVIA 2015

4.2.1 Caracterização do perfil dos entrevistados.

A maioria dos visitantes (GRÁFICO 1), fica no máximo entre 2 a 5 dias.

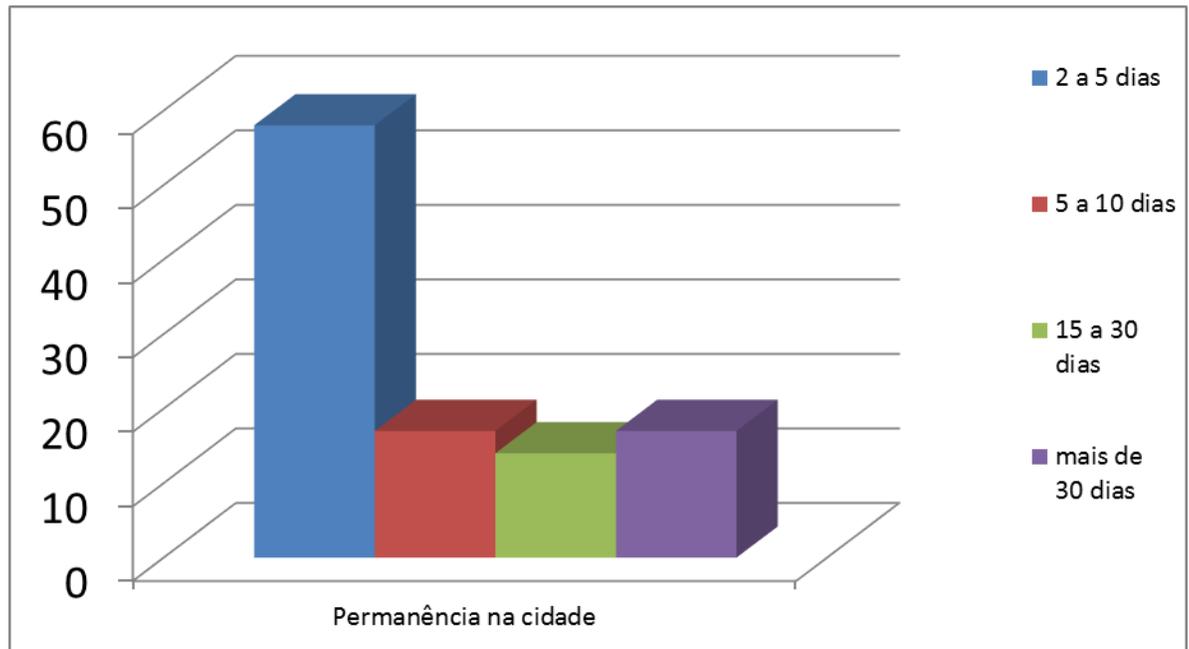


GRÁFICO 1: PERMANÊNCIA NA CIDADE

FONTE: ENTREVISTA QUANTITATIVA REALIZADA PELA AUTORA

Tabela 1: Dados quanto a permanência na cidade.

	2 a 5 dias	5 a 10 dias	15 a 30 dias	Mais de 30 dias
Permanência na cidade	58	17	14	17

Quanto a faixa etária (GRÁFICO 2), a pesquisa realizada mostrou-se bem equilibrada, o que confirma a pesquisa que existem atrativos interessantes para todos os públicos e não apenas para atender a um grupo etário específico.

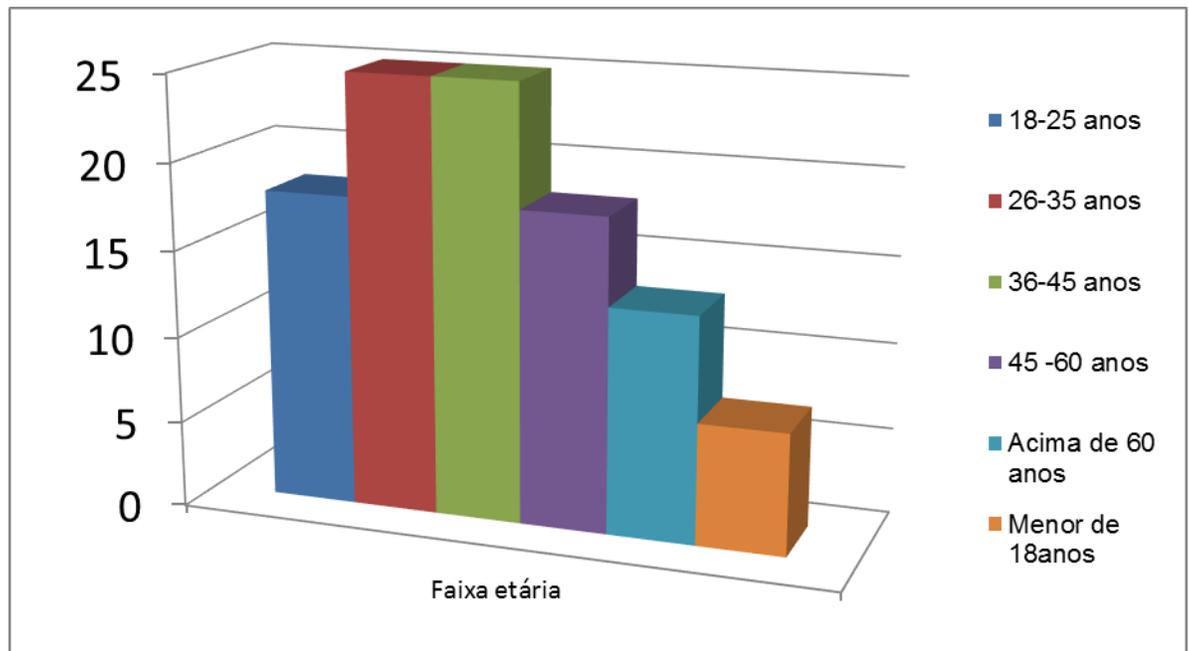


GRÁFICO 2: FAIXA ETÁRIA

FONTE: ENTREVISTA QUANTITATIVA REALIZADA PELA AUTORA

Tabela 2: Dados quanto a faixa etária

	18 a 25 anos	26 a 35 anos	36 a 45 anos	45 a 60 anos	Acima de 60 anos	Menor de 18 anos
Faixa etária	18	25	25	18	13	7

4.2.2 Hábitos vinculados ao turismo no município

A residência própria (GRÁFICO 3), em sua maioria tida como 2ª residência sendo aproveitada por seus donos apenas na temporada sendo seguida da hospedagem em casa de amigos ou parentes.

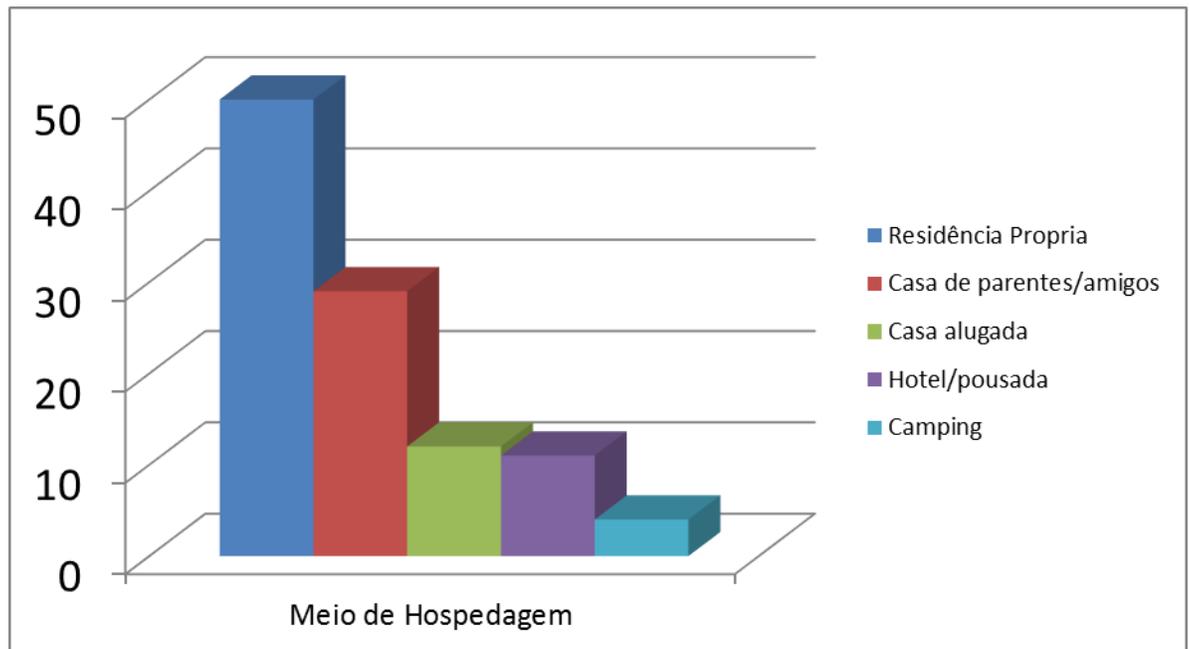


GRÁFICO 3: MEIO DE HOSPEDAGEM

FONTE: ENTREVISTA QUANTITATIVA REALIZADA PELA AUTORA.

Tabela 3: Dados quanto a meios de hospedagem

	Residência própria	Casa de parentes / amigos	Casa alugada	Hotel / pousada	Camping
Meios de Hospedagem	50	29	12	11	4

Viajar sozinho, conforme (GRÁFICO 4), com grupo de amigos são as opções que mais atraem os jovens em busca de novas descobertas, porém a família também desfruta de seu lazer nos balneários.

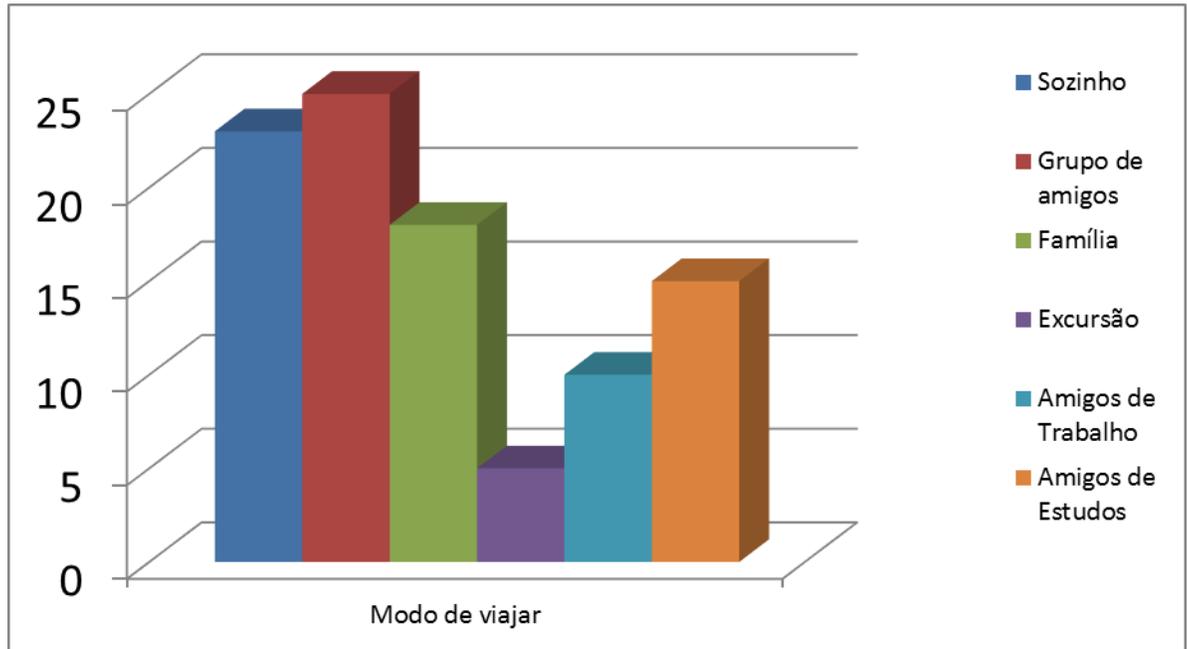


GRÁFICO 4: MODO DE VIAJAR

FONTE: ENTREVISTA QUANTITATIVA REALIZADA PELA AUTORA.

Tabela 4: Dados quanto ao modo de viajar

	Sozinho	Grupo de amigos	Família	Excursão	Amigos do trabalho	Amigos de estudos
Modo de Viajar	23	25	18	5	10	15

O automóvel é o meio mais utilizado para o deslocamento ao município, o que impacta a localidade sendo que a mobilidade urbana se reduz devido ao grande número de novos veículos circulando pelo município (GRÁFICO 5)

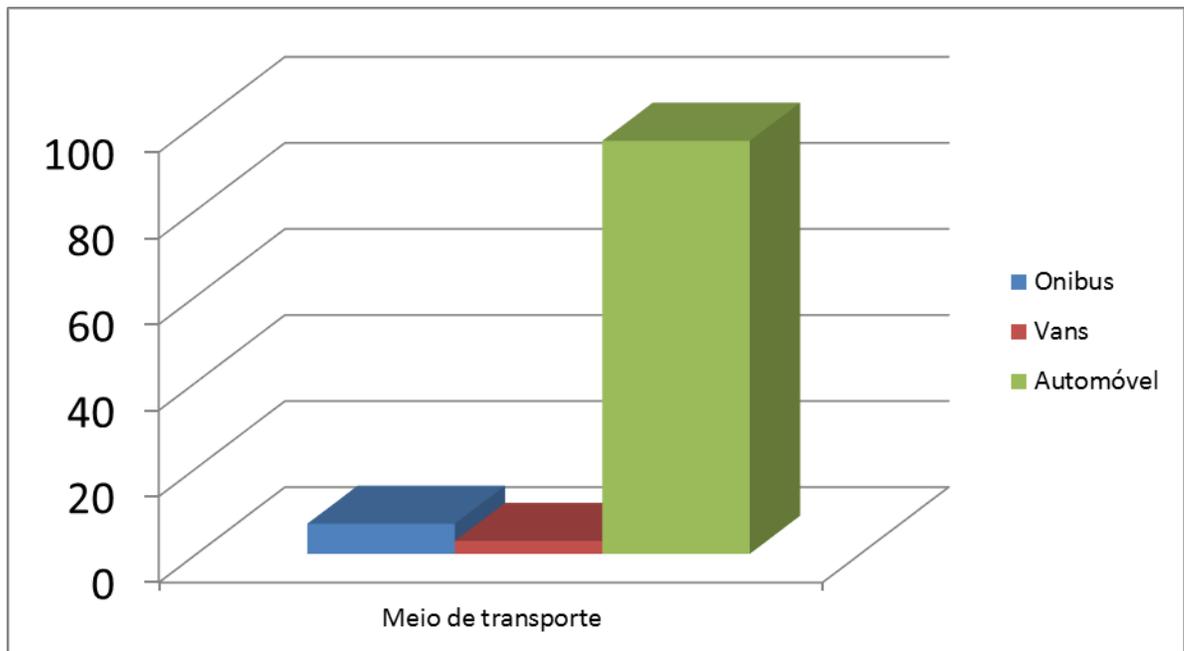


GRÁFICO 5: MEIOS DE TRANSPORTE
 FONTE: ENTREVISTA QUANTITATIVA REALIZADA PELA AUTORA.

Tabela 4: Dados quanto a meios de transporte.

	Ônibus	Vans	Automóvel
Meios de Transporte	7	3	96

Nota-se que os visitantes apresentam interesse em conhecer atrativos variados ao Sol e Praia, conforme exemplificado pelo GRÁFICO 6 abaixo:

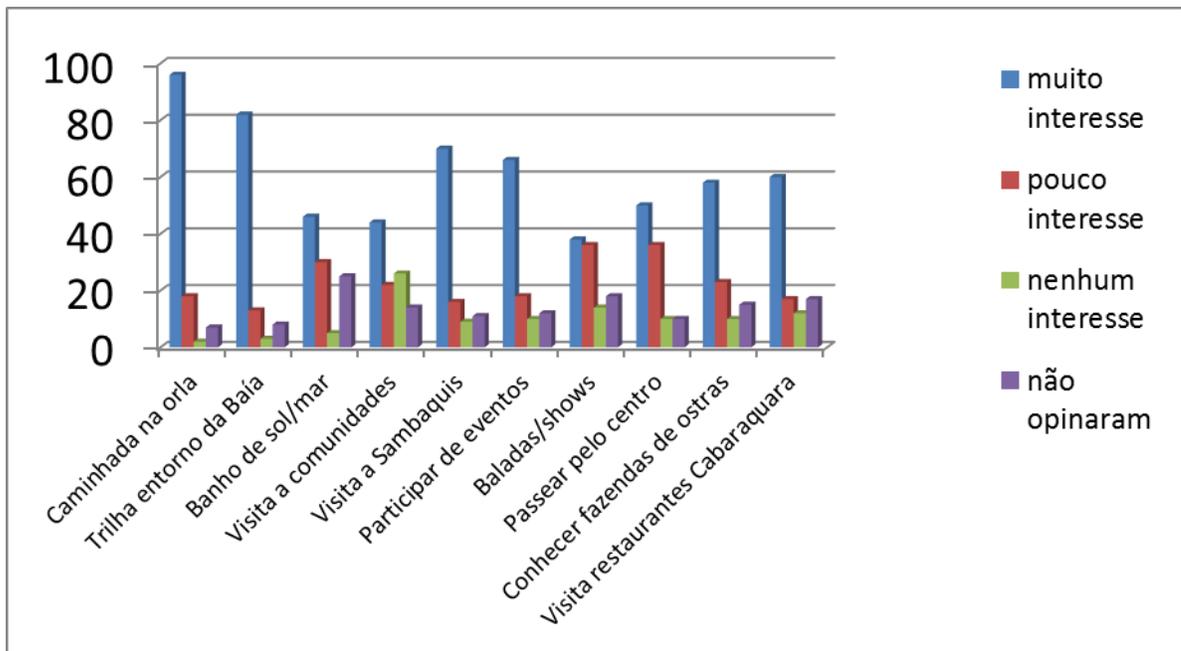


GRÁFICO 6: ATRATIVOS OFERECIDOS

FONTE: ENTREVISTA QUANTITATIVA REALIZADA PELA AUTORA.

Tabela 6: Dados quanto a atrativos oferecidos

	Muito interesse	Pouco interesse	Nenhum interesse	Não opinaram
Caminhada na orla	96	18	2	7
Trilhas no entorno da Baía	82	13	3	8
Banho de sol/mar	46	30	5	25
Visita a comunidades	44	22	26	14
Visita a Sambaquis	70	16	9	11
Participar de eventos	66	18	10	12
Participar de baladas / shows	38	36	14	18
Passear pelo centro	50	36	10	10
Conhecer fazendas de ostras	58	23	10	15
Visita a restaurantes no Cabaraquara	60	17	12	17

Também há grande interesse dos entrevistados que responderam a pesquisa em atividades náuticas (GRÁFICO 7), pesca e passeios, tanto em embarcações próprias como nos barcos que fornecem esta alternativa de passeio, interessante colocar que no campo outras atividades o passeio de helicóptero foi uma sugestão cogitada por alguns dos entrevistados.

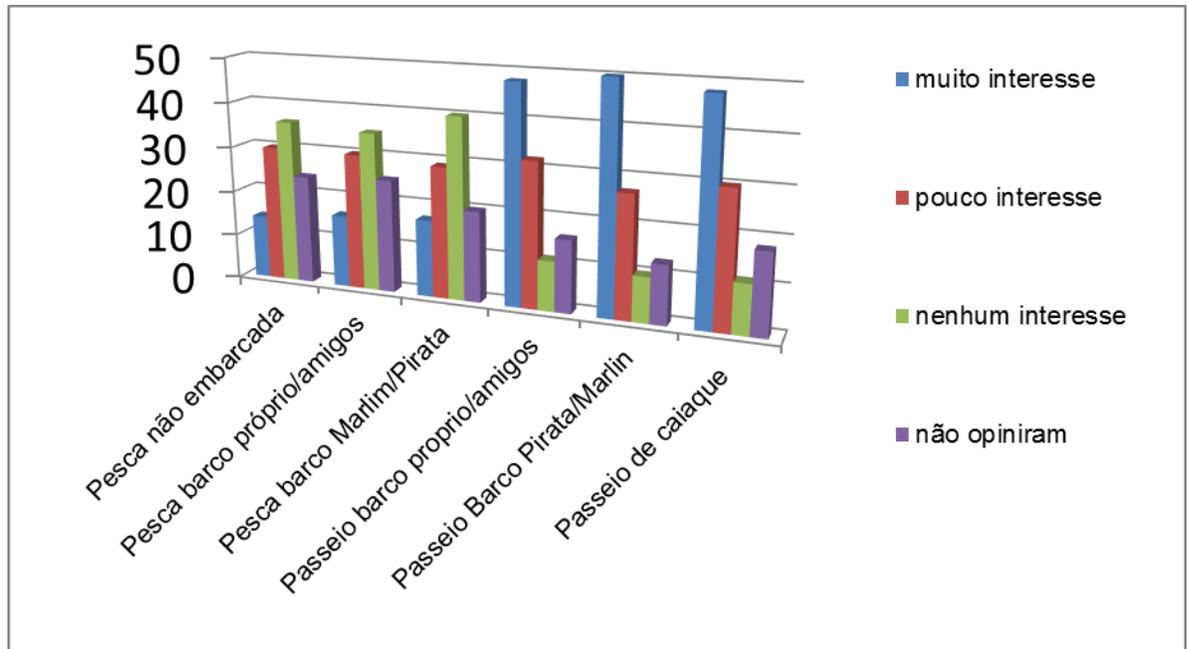


GRÁFICO 7: ATIVIDADES NÁUTICA

FONTE: ENTREVISTA QUANTITATIVA REALIZADA PELA AUTORA.

Tabela 7: Dados quanto a interesse em atividades náuticas.

	Muito interesse	Pouco interesse	Nenhum interesse	Não opinaram
Pesca não embarcada	14	30	36	24
Pesca barco próprio/amigos	16	30	35	25
Pesca barco Marlim/Pirata	17	29	40	20
Passeio barco próprio/amigos	48	32	11	16
Passeio de caiaque	48	30	11	18
Passeio Barco Pirata/Marlin	50	27	10	13

Quanto a avaliação de serviços de alimentação e hospedagem, (GRÁFICO 8), os entrevistados declararam que os serviços ficam entre bom a regular.

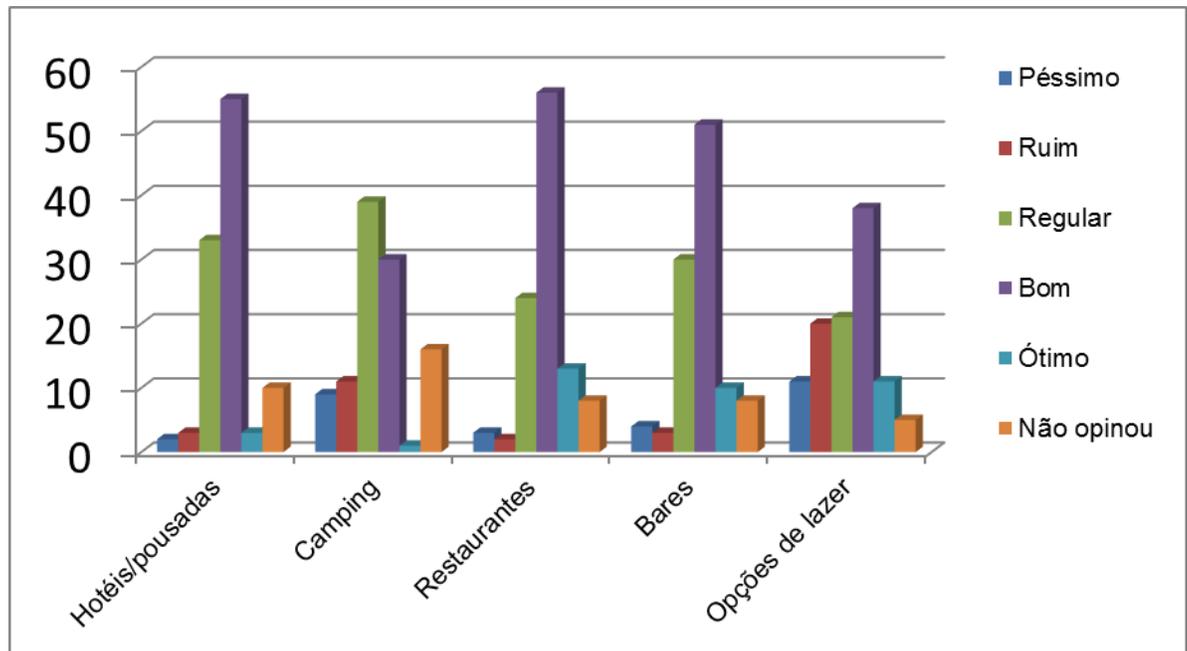


Gráfico 8: Avaliação de serviços de alimentação e hospedagem.

Fonte: Entrevista quantitativa realizada pela autora.

Tabela 8: Dados quanto a avaliação serviços de alimentação e hospedagem.

	Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo	Não opinou
Hotéis / pousadas	2	3	33	55	3	10
Camping	9	11	39	30	1	16
Restaurantes	3	2	24	56	13	8
Bares	4	3	30	51	10	8
Opções de lazer	11	20	21	38	11	5

Quanto as duas vias de acesso (GRÁFICO 9), tanto via ferry boat, pela BR 277 quanto pelo outro acesso que é via BR 376 sentido Joinville até Garuva a partir de

então seguindo pela rodovia PR 412, até Guaratuba, em ambos os acessos os entrevistados ficaram entre bom a regular. Quanto as qualidades de informações vinculadas sobre o município na Internet e quanto as informações fornecidas ao visitante no município ambas foram pela maior parte dos visitantes classificada como regular.

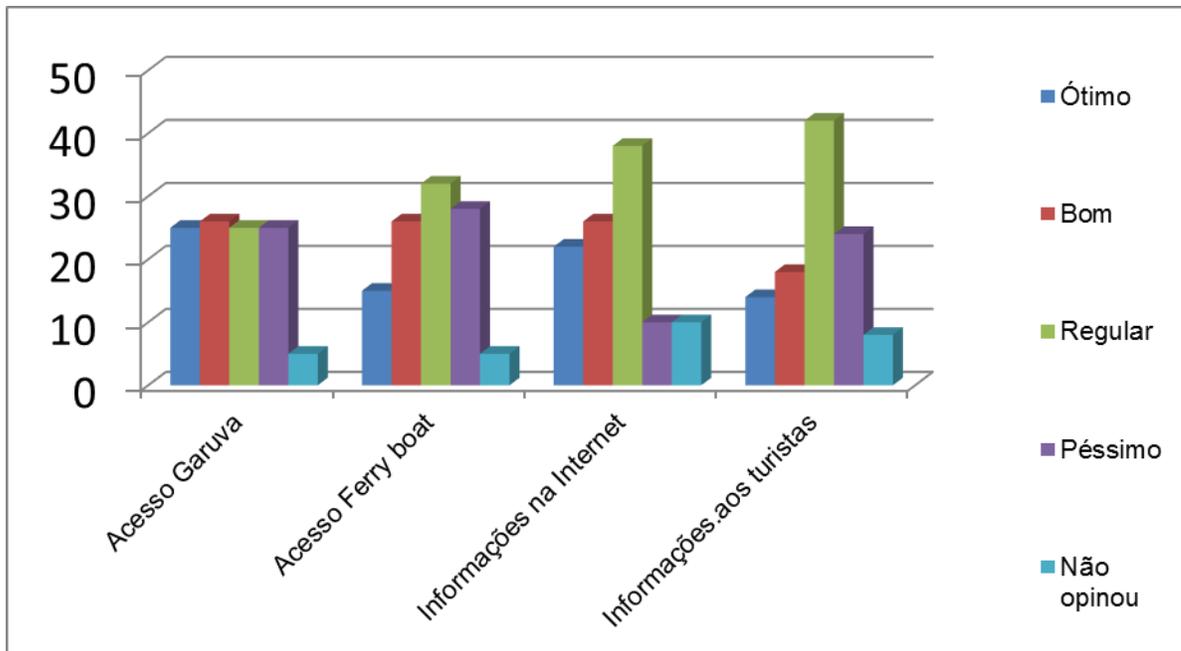


Gráfico 9 :Avaliação de infraestrutura de acesso e informações.
Fonte: Entrevista quantitativa realizada pela autora.

Tabela 9: Dados quanto a avaliação de infraestrutura de acesso e informações.

	Ótimo	Bom	Regular	Péssimo	Não opinou
Acesso Garuva	25	26	25	25	5
Acesso Ferry boat	15	26	32	28	5
Informações na Internet	22	26	38	10	10
Informações aos turistas	14	18	42	24	8

A pesquisa efetuada on line atingiu respondentes de 17 localidades do Paraná (Antonina, Arapoti, Cambé, Curitiba, Matinhos, Guaratuba, Pontal do Paraná, Campo Mourão, Cascavel, Colombo, São Mateus do Sul, Foz do Iguaçu, Londrina, Maringá

Paranaguá, Telêmaco Borba, Ponta Grossa) e 8 outros estados, (Piauí, Santa Catarina, Minas Gerais, Goiás, Mato grosso do Sul, Sergipe, São Paulo, Ceará) e 3 países Itália, Argentina e Bolívia.

Entre os respondentes notou-se realmente a grande preferencia dos visitantes de Curitiba e Região metropolitana (30%) e do litoral do Paraná (40%) sendo que deste total 18% são moradores de Guaratuba, entre estes entrevistados foi interessante notar o interesse quanto a passeios diferenciados, sendo que foi citado o passeio de helicóptero como um atrativo para os turistas e para os próprios moradores.

A pesquisa apontou a casa de segunda residência (50%), como o meio de hospedagem mais utilizado, o que comprova o grande número de residências fechadas durante o restante do ano, seguida da casa de parentes e amigos (29%) dos respondentes, o automóvel é o meio de locomoção mais utilizado com 86% do total, o que impacta o município no quesito de mobilidade urbana com o aumento de veículos circulantes, estes dados são próximos aos encontrados na pesquisa de demanda feita pelo SETUR em 2006. Quanto aos atrativos da cidade e atividades náuticas como não foram feitas pesquisas anteriores não há parâmetros para se efetuar esta comparação.

Os mais jovens entre 18 a 25 anos tem interesse em shows/balada e participação de eventos, ao passo o público entre 36 a 45 anos demonstrou interesse em passeios pela orla, visita a sambaquis e também em passeios em trilhas. Quanto a atrativos da cidade na qual foram elencados 10 atrativos as trilhas no entorno da baía foi avaliada com 72% de muito interesse em ser feita, visita a sítios sambaquis com 62% do interesse e quanto a passeios nas atividades náuticas os passeios embarcados foram apontados com 42% da preferência seguido de passeios de caiaque com 38% da preferencia.

Tanto pelos dados da SETUR como na pesquisa realizada on line, foi possível averiguar a similaridade entre alguns quesitos, devido a proximidade da capital é realmente de Curitiba e região metropolitana o maior contingente de visitantes ao nosso município, assim como o automóvel é o meio de locomoção mais utilizado e a casa de

segunda residência seguida da residência de parentes ou amigos são os meios de hospedagem mais utilizados

4.3 AVALIAÇÃO DO ATRATIVO: TRILHA DOS ÍNDIOS

Trilha do Índio (FIGURA 16), em 2011 teve alguns trechos melhorados devido a realização da 1ª edição do Circuito Caiobaraquara, parte integrante das Caminhadas do Litoral, a qual em cada edição recebe em torno de 300 a 500 caminhantes, foi feita a implantação de degraus para os acessos em declive e cordões de isolamento em pontos críticos ao longo da Trilha.

Para ser efetivada como um atrativo turístico necessita de melhorias em sua infraestrutura e sinalização para receber os turistas.



FIGURA16: TRILHA DOS ÍNDIOS
FONTE: GAZETA DO POVO, 18/01/2012

4.3.1 Característica da trilha

Conforme levantamento fotográfico feito *in loco*, na Trilha dos Índios, nota-se claramente que há potencial para ser efetivada como um atrativo turístico, com a devida melhoria necessária, pois era usada como uma trilha de acesso entre a Prainha e Cabaraquara. Conforme dados levantados foi elaborado o seguinte quadro com as características da Trilha dos Índios.

Nível de caminhada	Leve a moderada
Duração da caminhada	Aproximadamente 20 minutos
Localização	Propriedade particular
Largura da área de pisoteio	Entre 30 a 45cm em alguns pontos
Declividade	Suave transposta com degraus

Quadro 4 :Características da Trilha dos Índios
Fonte: A autora

4.3.2 Condição de acesso à trilha

Área de pisoteio encontrada no início da Trilha dos Índios, onde se nota claramente a compactação do solo na área central, e também a falta de uma área marginal. (FIGURA 17)

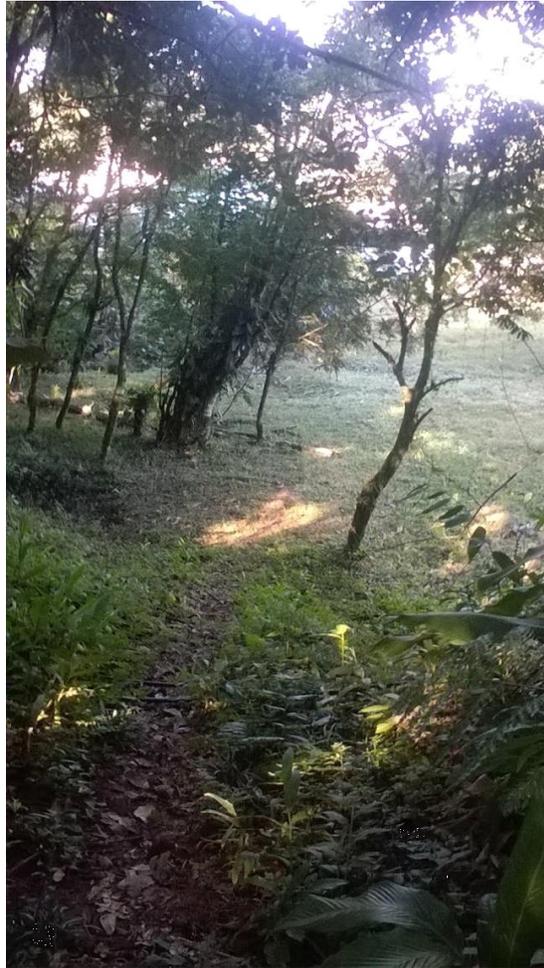


FIGURA 17: TRILHA COMPACTADA NO CENTRO AO FINAL DA TRILHA
FONTE : A AUTORA

Segundo Magro (1999, p. 26), “[...] quando o pisoteio é frequente, o solo é compactado e a matéria fragmentada, aumentando sua susceptibilidade à erosão”. No exemplo da trilha dos índios nota-se que os degraus (FIGURA 18), não possuem uma continuidade padrão em sua largura, o que viria a proteger melhor a área de pisoteio no local, tornando-o mais “harmônico”.

4.3.3 Condição de uso da trilha



FIGURA 18: DEGRAUS SEGUNDO DECLIVIDADE DO TERRENO.
FONTE: A AUTORA

Nota-se que em alguns pontos a trilha se fecha (FIGURA 19), não existe área de clareamento em nenhum local da trilha. O clareamento permite a livre circulação do visitante sem esbarrar em galhos, cipós, árvores, raízes e vegetações rasteiras na superfície de pisoteio, o que não acontece em tal trilha, tendo de ser tirado com as mãos pelo transeunte.



FIGURA 19: TRILHA FECHADA
FONTE: A AUTORA

Não há um corredor ou vala para escoamento da água da chuva, o que contribui para a erosão, em muitos pontos nota-se árvores com suas raízes expostas (FIGURA 20), o que pode vir a acarretar além da pouca sustentação, a morte da mesma por contaminação de fungos e bactérias.

Quanto à segurança, não se apresenta nenhum guarda corpo ou qualquer outro tipo de proteção nos locais mais íngremes, que apesar de não ser de grandes proporções é perigoso á segurança do visitante, principalmente para crianças e pessoas com dificuldades motoras de locomoção. Em ambientes como este, se faz necessário em seu plano de manejo a manutenção do local para que a trilha se mantenha sempre limpa, acessível e atrativa ao visitante, é um fator primordial a conservação deste ambiente.



FIGURA 20: RAIZ EXPOSTA
FONTE: A AUTORA

4.3.4 Condição de atratividade

Segundo os moradores, na localidade pode-se observar bugios, (*Alouatta fusca*), também conhecido por guariba em algumas regiões, jaguatirica (*Leopardus pardalis*), arara azul ou araraúna (*Anodorhynchus hyacinthinus*), arara vermelha ou arara macau (*Ara chloropterus*), tucano amarelo (*Ramphastos toco* Müll.), tucano vermelho (*Ramphastos tucanus*) entre outras espécies.

A trilha foi usada, até o séc.XX, como um dos principais trajetos da população para o comércio na região.

4.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RESULTADOS OBTIDOS

Os dados obtidos com a aplicação das entrevistas direcionadas ao público alvo (que comprovaram o interesse no passeio em trilhas, e com os diálogos com moradores da localidade Cabaraquara, demonstrou-se receptividade frente à proposta da instalação de uma trilha. Dentro da área de estudo delimitada, há várias possibilidades e locais para que este trabalho seja concretizado, sendo que se trata de uma atividade propícia para turismo de baixo impacto., respondendo assim a problemática se seria viável uma trilha dentro da APA - Guaratuba, e atingindo também os objetivos específicos quanto ao interesse de turistas reais potenciais e quanto a viabilização para a visita a Trilha dos índios e foi efetuada a avaliação quanto a infraestrutura da trilha e suas condições de atratividade, com isto, foram atingidos os objetivos propostos pela pesquisa do trabalho.

Porém como se trata de uma proposta nova, necessita de um modelo, porque As trilhas existentes na região, apesar de serem utilizadas com frequência por moradores da região como uma trilha de passagem, um caminho de acesso entre a Prainha e Cabaraquara, ainda não possuem condições adequadas para visitação. As

trilhas da APA estão em fase de formatação, apesar de terem potencial pouco explorado é possível que, com a estrutura adequada e serviços adequados para atendimento ao turista, tais como: placas informativas, sanitários (em trilhas de longo percurso); sinalização da trilha; condutores de turismo; ponto para o atendimento ao turista; entre outras providências, o potencial turístico da trilha seja elevado.

O planejamento da trilha deve levar em consideração os fatores ambientais e sociais, sendo que os ambientais estão ligados aos recursos hídricos, solo, fauna, flora e vegetação nativa; e os sociais ligados a comunidade local. O visitante que se dirige a esta região, em algum momento terá a necessidade de alimentação, hospedagem e transporte até alguns atrativos de preferência com guias locais que conheçam sua localização e suas particularidades, além de levar uma lembrança da localidade, criando assim oportunidades de geração de renda para aqueles moradores que estiverem aptos a trabalhar com a condução em trilhas e com os serviços turísticos agregados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “desenvolvimento” que a sociedade vem conquistando ao longo do tempo faz com que as áreas naturais estejam cada vez mais restritas a pequenos espaços como parques em grandes centros. No litoral do Paraná, remanescentes da Mata Atlântica são atraentes ao turista que busca estar em contato, ter a experiência de pelo menos conhecer este bioma, a partir de passeios em trilhas, que aliem a conservação ambiental com o desenvolvimento das populações que vivem em torno das unidades de conservação, onde estão situadas trilhas com este potencial.

O ecoturismo como visto através de pesquisas bibliográficas é um segmento que vem apresentado um ritmo de crescimento de destaque na indústria do turismo nos últimos anos. Por fim, percebe-se que ecoturismo ainda é incipiente dentro da APA, mas com grandes possibilidades. Ele necessita de estudos e pesquisas, um trabalho a ser executado a médio e longo prazo, devendo ter um rigor no atendimento dos seus elementos básicos, para não ser usado apenas como um rótulo de interesse comercial e sim utilizado para ajudar a promover o litoral paranaense.

As trilhas podem vir a ser mais um atrativo na localidade, até então conhecida principalmente por seus restaurantes que servem ostras. A melhoria em sua infraestrutura e posterior divulgação é uma das primeiras atividades a serem feitas, sendo que envolve não somente o bem estar dos turistas, mas também a comunidade local. Assim, os benefícios à comunidade, podem acontecer, com o incremento das trilhas, para que esta exploração simplesmente não fique na mão de empreendedores externos. É propício ressaltar que a capacitação de condutores locais e melhorias em seu acesso bem como em sua sinalização efetiva, demarcação dos pontos de interesse (árvores, plantas) na qual o ambiente é rico em sua diversidade, bem como de placas que forneçam informações sobre quais espécies de aves e animais que podem vir a ser avistadas na localidade, estas informações transmitidas de forma clara e direta, tornaria a trilha mais atraente.

Todas essas características podem ser proporcionadas na Trilha dos Índios, desde que seja feito um efetivo planejamento para tal, pois somente com uma boa gestão integrada é que será possível proporcionar uma maior interação entre a comunidade, os visitantes e o meio ambiente. Para que a proposta de melhoria nas trilhas seja efetivada, na APA - Guaratuba será importante agrupar os envolvidos na gestão desta unidade de conservação, para discutir qual a melhor maneira de se fazer as alterações necessárias, para que sejam viáveis as alternativas propostas.

O sentimento de pertencimento tem relação com a noção de participação na medida em que fazemos parte de uma comunidade, sendo assim, o que estiver sendo construído de forma participativa desenvolverá a corresponsabilidade, pertencendo os resultados a todos envolvidos neste grupo, pois contará com uma parcela de cada um dos envolvidos no projeto.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, J.V de. **Turismo: fundamentos e dimensões**. 8° ed. São Paulo: Ática 2004.
- ANDRADE, W. J.; ROCHA, R. F. **Manual de trilhas: um manual para gestores**. São Paulo – 2008. Secretaria do meio ambiente – Série registros. Instituto Florestal. São Paulo,2008
- BAHL, M. **Fatores ponderáveis no turismo: Sociais, Culturais e políticos**. Curitiba: Protexoto, 2004.
- BARRETO, M. **Manual de Iniciação ao estudo do Turismo**. 11° ed. Campinas : Papyrus, 2001.
- BENI, M.C. **Análise estrutural do Turismo**. 7.ª edição. São Paulo:Senac, 2002.
- BRAMBATTI, L. E. "**Sazonalidade e turismo extratemporâneo no Litoral do Paraná**",UFPR, 2011.
- BRASIL. Turismo de Estudos e Intercâmbio: Orientações Básicas. 2010. Disponível em: <<http://www.turismo.pr.gov.br/>>. Acesso em: 21 ago. 2014.
- CASTELLI, G. **Turismo: atividade marcante do século XX**. Caxias do Sul: Eduni-Sul, 1986.
- DIAS, R.; AGUIAR, M. R. **Fundamentos do turismo: conceitos, normas e definições**. Campinas: Alínea, 2002.
- GODOI, L.G.TRIGO, et al. **Aprendiz de lazer e turismo**. Coord. Regina araujo de almeida et al. Ed. Ver.e ampl. São Paulo, IPSIS,2007
- IGNARRA. L.R. Fundamentos do Turismo. São Paulo: Ed. Pioneira Thomson Learning, 2003, 2ª Edição.
- KREG, L. e DONALD,E. H. ECOTURISMO: Um Guia para Planejamento e Gestão. 2. ed. São Paulo: SENAC, 1995.
- KRUEL,A E KLERING, L, **Turismo e informalidade**: Revista Redes, Vol. 16, No 2 (2011)
- NATALINO, M. J. **Coletânea Guaratuba**. Prefeitura Municipal de Guaratuba. Guaratuba. 2004
- MAGANHOTTO.R.F, et al. **Planejamento de trilhas em áreas naturais** – Estudo de caso Sítio Alegria, Prudentópolis/Guarapuava - PR. Revista Geografar Curitiba, v.4, n.2, p.143-163, jul./dez. 2009. Disponível em<www.ser.ufpr.br/geografar>Acesso em: 19/04/2015
- MOLETTA, V.F. **Turismo Cultural**. 2° ed. Porto Alegre: SEBRAE/RS,2000.

NETO.J.C.F. **Ecoturismo no litoral do Paraná, Caminhos e descaminhos**. Tese (Doutorado em Meio ambiente)-Departamento de Meio Ambiente. UFPR Curitiba, Curitiba out/2007

O caminho Francês, Galícia, Espanha, Europa, Galiza. Disponível em: <www.costasur.com>. Acesso em: 20/12/2014

OLIVEIRA, A.P. Turismo e Desenvolvimento: Planejamento e Organização. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

PADOAN. L.L.F; JUNIOR.H.M. **Interpretação Ambiental e Trilhas interpretativas: Elaboração de uma proposta de trilha interpretativa para a Serra do Catete, Ouro Preto, Minas Gerais**. Trabalho apresentado no X Congresso Nacional de Excelência em Gestão. 8 e 9 de agosto 2014 UFMG

QUEIROZ. O.T.M.M. **Turismo e ambiente: temas emergentes**. Campinas, SP: Alinea, 2006.

Reyno de Navarra, Terra de diversidade. Disponível em <www.caminosantiago.com>. Acesso em: 05/06/2015.

RODRIGUES, A.B. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 1998.

RODRIGUES. AB. **Ecoturismo no Brasil: possibilidades e limites**. São Paulo: Contexto, 2003.

RUSCHMANN, D. Turismo e Planejamento Sustentável: A Proteção do meio Ambiente. 8. ed. São Paulo: PAPIRUS, 2001.

Turismo Sustentável: Polo Turístico do Litoral Paranaense. 2010. Disponível em: <<http://www.turismo.pr.gov.br/>>. Acesso em: 29 out. 2014.

YASOSHIMA, J. R; Oliveira, N.S. **Antecedentes das viagens e do turismo**. In Rejovwski.M (org) Turismo no percurso do tempo. São Paulo: Aleph, 2002

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. – Porto Alegre: Atemed, 1998.

ANEXO

ANEXO 1 - Objetivos da APA Guaratuba

- ❖ Disciplinar o uso e ocupação do solo;
- ❖ Proteger a biodiversidade;
- ❖ Conservar os remanescentes florestais;
- ❖ Estimular a substituição de florestas homogêneas por florestas heterogêneas com espécies nativas;
- ❖ Promover a recuperação e a conservação das Áreas de Preservação Permanente;
- ❖ Assegurar a conservação dos recursos hídricos e a preservação das nascentes dos rios;
- ❖ Assegurar e promover a proteção da fauna silvestre;
- ❖ Promover alternativas econômicas para comunidades locais, com base na valoração do patrimônio Cultura, Ambiental e Turístico da APA;
- ❖ Estimular turismo rural e cultural;
- ❖ Estimular e normatizar atividades de recreação e turismo de baixo impacto ambiental;
- ❖ Fomento às atividades de estudo do meio (educação patrimonial e socioambiental);
- ❖ Preservar os sítios arqueológicos favorecendo a pesquisa científica o estudo e a educação;
- ❖ Incentivar o desenvolvimento regional mediante a utilização dos recursos arqueológicos para fins educativos e turísticos;
- ❖ Realizar o monitoramento das atividades minerárias;
- ❖ Ordenar a pesca amadora;
- ❖ Estimular a agricultura familiar com base nos princípios da agroecologia

- ❖ Facilitar a efetiva implementação da APA de Guaratuba, conforme as normas condicionantes do SNUC;
- ❖ Indicar as estratégias para a conservação da biodiversidade, destacando-se áreas prioritárias para a conservação.
- ❖ Proporcionar elementos para proteção dos recursos naturais e histórico-culturais, definindo um espectro de usos a serem desenvolvidos pela atividade humana;
- ❖ Estabelecer programas prioritários de pesquisa, desenvolvimento, controle e fiscalização, manejo de fauna e flora, recreação e ecoturismo, monitoramento, pessoal, infraestrutura, comunicação, participação pública para implantação efetiva da APA;
- ❖ Elaborar proposta, com base na legislação aplicável, quanto ao formato institucional e legal do zoneamento, da estrutura de gestão e acompanhamento da APA;
- ❖ Promover a gestão participativa envolvendo todos atores que atuam na APA: sociedade civil, instituições governamentais e não governamentais.

ANEXO 2 - Características ambientais e sócio econômicas

- ❖ Região limítrofe entre o Parque Nacional Saint-Hilaire/Lange e os manguezais da Baía de Guaratuba.
- ❖ Geologicamente predominam os sedimentos recentes, argilo-sílticos-arenosos paleoestuarinos com argilas, silte, areias e seixos, depósitos de colúvios do Período Quaternário no Holoceno.
- ❖ Ocorrem os solos hidromórficos (gleissolos) nas áreas de planície e cambissolos argilosos no início das montanhas.
- ❖ A cobertura vegetal é Florestas na Fase Intermediária de Sucessão e Fase Inicial de sucessão.

Características Socioeconômicas

- ❖ Ocupação antrópica relativamente significativa: 5 a 15 hab/km²; decréscimo populacional observado no período 1991-1996.
- ❖ Pequenas propriedades com agricultura familiar.
- ❖ Uso de transporte em embarcações de pequeno porte.
- ❖ Ocorrência de invasões em Parati; Cabaraquara, Sertãozinho e Tabuleiro provocando a supressão da vegetação sem controle e licenciamento.
- ❖ Região de grande beleza cênica e de visitação turística acentuada e sem controle

ANEXO 3 - ATRIBUIÇÕES DO CONSELHO GESTOR DA APA GUARATUBA

- ❖ Promover a articulação com os Municípios e Estados cujas atividades possam interferir nos objetivos dessa APA e nos recursos naturais nela existentes, com o propósito de compatibilizarem diretrizes, planos e programas desses Municípios com as necessidades de conservação da APA;
- ❖ Promover e participar da articulação com os órgãos públicos, instituições financeiras, organizações não governamentais e com a iniciativa privada, para a concretização dos planos e programas estabelecidos;
- ❖ Propor formas de cooperação entre os órgãos públicos e a sociedade civil para a realização dos objetivos da gestão da APA de Guaratuba;
- ❖ Manifestar-se sobre todas as questões ambientais que envolvam a proteção e conservação da APA, ressalvadas as competências fixadas em lei;
- ❖ Contribuir para que os municípios não abrangidos pela Área de Proteção Ambiental integrem suas ações com os objetivos de preservação, recuperação, conservação e melhoria dos recursos nela existentes;
- ❖ Solicitar informações e pareceres dos órgãos públicos, cujas atuações interferem direta ou indiretamente na APA;
- ❖ Propor planos, programas, projetos e ações aos órgãos públicos, às organizações não governamentais e à iniciativa privada, com o objetivo de garantir os atributos ambientais e a manutenção dos recursos naturais existentes nessa área;
- ❖ Propor políticas e programas relacionados com educação socioambiental;
- ❖ Acompanhar e supervisionar a implementação dos planos, programas, projetos e ações propostos;
- ❖ Aprovar os documentos e as propostas encaminhadas por suas Câmaras Técnicas;
- ❖ Deliberar sobre os documentos e as propostas encaminhadas pelas comunidades;

- ❖ Supervisionar e fornecer informações e subsídios necessários à atividade dos Comitês, Locais das Unidades de Gestão;
- ❖ Decidir sobre questões envolvendo as Unidades de Gestão da APA de Guaratuba

APÊNDICES

APENDICE 1 – FORMULÁRIO DE PESQUISA ON LINE.....	79
APENDICE 2 – SOLICITAÇÃO DE ENTREVISTA MARIO JOSÉ NATALINO.....	81
APENDICE 3 – SOLICITAÇÃO DE ENTREVISTA CÉLIA CRISTINA	85

APENDICE 1 - FORMULÁRIO DE PESQUISA ON LINE

Este formulário será utilizado como parte integrante da pesquisa para o Projeto Trilhas – Uma volta ao ambiente natural, sendo parte do Trabalho de conclusão de curso de Turismo.

Dados gerais

1. Em que cidade reside?----- Estado-----

2. Sexo

Masculino

Feminino

3. Faixa etária

Menor de 18 anos

18 a 25 anos

26 a 35 anos

36 a 45 anos

45 a 60 anos

+ 60 anos

Dados específicos

4. Qual meio de transporte utilizado para chegar em Guaratuba?

Automóvel

Ônibus

Vans

5. Qual o meio de hospedagem utilizado durante sua permanência em Guaratuba?

Hotel/pousada

camping

casa de parentes ou amigos

casa alugada

residência própria

outros _____

6. Forma de viajar

sozinho

grupo de amigos

com família

excursão

colegas de trabalho ou de estudo

7. Qual sua previsão de permanência na cidade

- () 2 a 5 dias
 () 5 a 10 dias
 () 15 a 30 dias
 () mais de 30 dias

8. Assinale em quais atividades listadas abaixo você teria:

Tipos de Atividades	Muito interesse	Pouco interesse	Nenhum interesse
Trilhas no entorno da Baía			
Caminhadas na orla			
Banho de sol/ mar nos balneários			
Passeio com embarcação própria ou de amigos			
Passeio em embarcações como Barco Marlin ou Barco Pirata			
Pesca esportiva não embarcada			
Pesca esportiva embarcada			
Pesca esportiva em embarcações como Barco Marlin ou Barco Pirata			
Visita a comunidades do entorno da Baía de Guaratuba			
Passeios de caiaque na baía			
Visita a Sambaqui			
Participar de eventos.			
Visita a restaurantes do Cabaraquara			
Passear no centro da cidade			
Baladas/shows			
Conhecer fazendas de ostras			

9) Conforme o que você conhece ou ouviu falar de Guaratuba, considerando a escala: péssimo, ruim, regular, bom ou ótimo.

	Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo
Hotéis/Pousadas					
Camping					
Restaurantes					
Bares					
Opções de lazer					
Informações na Internet					
Informações ao turista					
Acesso via Garuva					
Acesso via Ferry boat					

APENDICE 2 - SOLICITAÇÃO PARA ENTREVISTA



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral



Para: Secretaria Municipal de Turismo

A/C: Secretário de Turismo

Sr. Wandir Smaniotto

O presente questionário destina-se à Secretaria de Turismo de Guaratuba, sua finalidade é coletar dados para Trabalho de conclusão de curso de Gestão em Turismo, pois a monografia tem por objeto de estudo a APA Guaratuba, sendo pautada por pesquisas técnicas. É importante saber também como é visto o turismo pela secretaria atual e qual sua atuação perante o município, os dados da entrevista serão utilizados para auxiliar na construção do trabalho Trilhas, uma volta ao ambiente natural – APA Guaratuba.

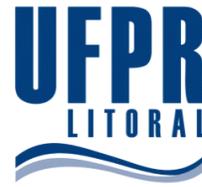
Solicito dados quanto a demanda de turistas no município, sua permanência, faixa etária, gasto médio além de dados específicos quanto a Guaratuba e o turismo de modo geral.

Grata por sua colaboração

Sílvia de Freitas Scremin



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral



Entrevista com o Senhor Mario José Natalino concedida em 04/05/2015

1) Como funciona a Secretaria Municipal de Turismo.

Já foi independente, depois foi colocado com a secretaria de esportes e desde 2012 está junto com a secretaria de cultura.

2) Dentro do orçamento municipal, como é colocado o turismo quanto a fundos e projetos?

Prioridade é saúde, educação e infraestrutura. Turismo não teve nenhuma ação específica. Não é visto como prioridade pelo governo municipal, tendo que investir em outras áreas mais essenciais primeiro.

3) Como se estrutura a ação da secretaria de turismo com as demais secretarias

Existe uma parceria forte com cultura e demais secretarias, todas as áreas são importantes para o turismo, trabalham juntas dependendo do evento. Na Festa do Divino, por exemplo, há pouca participação, a secretaria de turismo dá apoio, porém, não tem participação direta nem na administração e nem na organização. Quanto a marketing é utilizado recursos do Governo do estado para panfletagem da festa, quem coordena é o casal festeiro.

4) Existe um Conselho Municipal de Turismo?

O conselho de turismo este ano ainda não foi implantado, mas já esta em desenvolvimento a sua organização com o convite a pessoas interessadas em formar um novo conselho.

5) Existe um Fundo municipal para o Turismo?

Sim, mas esta aguardando a implantação do conselho para se ver onde estão estes fundos, se ficou algum fundo do conselho anterior e sob administração de quem ele se encontra atualmente.

6) Quais as principais ações da Secretaria quanto a promoção do município e seus eventos sazonais. Existe uma estratégia para atrair visitantes fora da temporada.

Em 2002 com o PNMT foi elaborada toda uma estratégia de marketing, criamos o Zé Guará, utilizando a ave símbolo de nosso município, ficou conhecido como Guaratubinha, foram elaboradas cartilhas como revistinhas em quadrinhos para a distribuição em escolas em palestras quanto a sensibilização para o turismo e também para os turistas apresentando de forma lúdica os pontos turísticos de nossa cidade, como receber o turista e sua importância para a cidade, painéis com fotos históricas da cidade, palestras nas escolas, vídeos mostrando as os pontos turísticos, enfim foi feita toda uma estratégia de divulgação do município.

7) Existe um planejamento de marketing para divulgação do município e seus eventos?

Não, é apenas regionalmente, para a Festa do Divino além de cartazes e flyers é divulgado nos jornais locais e na Rua XV em Curitiba. Cada casal festeiro elabora sua promoção para a festa.

8) Qual é o principal atrativo de nosso município, fora o turismo de massa de sol e praia?

Existe outros atrativos como os rios e lagos em passeios de barco, além do Morro do Cristo que é nosso cartão postal, quanto aos outros monumentos como a Igreja na praça Alexandre Mafra, estátua de São Luiz de França e a gruta de Nossa Senhora de Lourdes, mas infelizmente devido a falta de manutenção eles acabam se deteriorando e não há conservação e melhorias de infra estrutura, principalmente quanto a acesso e paisagismo bem como em divulgação. Se perguntar quem foi São Luiz de França, quase ninguém saberá responder.

- 9) Seria viável investir em outras vertentes de Turismo como o náutico ou ecoturismo ?

Sim, já existiu provas de vela classe lazer, torneios de jet ski, torneio de pesca na Baía mas não foram a frente nos anos seguintes. As atividades como passeios turísticos em barcos como o Barco Pirata ou o Barco Marlim que além dos passeios também podem ser locados para pescarias e passeios particulares, são feitos por iniciativas privadas, nada a ver com a prefeitura.

- 10)Qual a principal atuação da secretaria quanto a:

- A) promoção do município,
- B) capacitação do atendimento,
- C) sensibilização da população quanto a educação para o Turismo.

Todos os itens acima abordados, dependem de meios financeiros, projetos e iniciativas da prefeitura a qual não tem o turismo com prioridade.

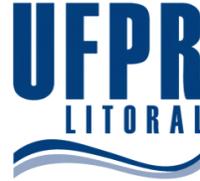
- 11)Existe uma pesquisa de demanda de turistas atualizada no município?

Não, a última pesquisa de demanda com todos os dados foi feita em 2006 para o estudo de demanda turística realizada pela secretaria do estado de turismo, são os últimos dados de demanda do litoral.

APENDICE 3 - SOLICITAÇÃO DE ENTREVISTA



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral



A/C: Sra. Célia Cristina Lima Rocha

Gerente da Área de Proteção Ambiental de Guaratuba

Assunto: APA Guaratuba

Sra. Célia Cristina, venho por meio desta solicitar uma entrevista para levantamento de informações quanto a APA Guaratuba, tema de meu TCC, para o trabalho sobre a viabilização de Trilhas dentro da APA. Estou lhe enviado em anexo as perguntas pertinentes ao trabalho.

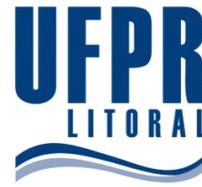
Agradeço por sua atenção e aguardo seu contato.

Atenciosamente

Sílvia Scremin



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral



Entrevista com o Sra. Célia Cristina concedida em 14/05/2015 às 10:00h.

- 1) Quais as áreas dentro da APA que são contempladas com visitação turística efetiva?

Salto Parati, sendo seu acesso feito por barco, a comunidade é receptiva aos visitantes, porém também é um acesso que precisa de melhorias, principalmente no acesso por terra. As atividades turísticas existentes na baía de Guaratuba são de cunho privado, o poder público não tem qualquer iniciativa quanto a estes atrativos.

- 2) Como é feito o dimensionamento e controle de demanda de visitantes neste local.

Não há nenhum controle efetivo quanto ao numero de visitantes, nem dados quanto á demanda real destes visitantes.

- 3) Mesmo com o plano restritivo, haveria possibilidades de melhorias que poderiam ser feitas para que se aumentasse o fluxo de turistas visitantes ao local.

Sim com projetos mais estruturados e melhorias nas trilhas, acesso, estrutura, sinalização entre outras providências.

- 4) Qual o perfil dos visitantes destas localidades.

Pessoas em busca de descanso e contato com o meio ambiente, além de experimentar as ostras no Cabaraquara

- 5) Como o IAP vê na atualidade a gestão do meio ambiente e o turismo dentro da APA Guaratuba?

Como a APA é dividida em câmaras temáticas, a câmara de turismo dentro da APA-Guaratuba apesar de ser a maior em extensão é o conselho menos atuante em vista das outras câmaras em relação com as outras localidades.

6) Quais as trilhas que podem ser visitadas?

Trilha dos Índios, Trilha das Farinheiras Salto Parati, apresentam atratividade em seu caminho, porém necessitam de melhorias e cuidados em sua infraestrutura